

INSTITUTO POLITÉCNICO DE PORTALEGRE
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

Curso de Segundo Ciclo de Estudos em
Mestrado em Jornalismo, Comunicação e Cultura

Relatório final de estágio

**ROTINAS DE PRODUÇÃO E CONSTRANGIMENTOS DE
UMA REDAÇÃO INTEGRADA NO MEIO REGIONAL – CASO
DA ANTENA LIVRE E JORNAL DE ABRANTES**

Mestranda

Joana Santos

Orientador

Prof.^a Dr.^a Sónia Lamy

Portalegre

2017

INSTITUTO POLITÉCNICO DE PORTALEGRE
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

Curso de Segundo Ciclo de Estudos em
Mestrado em Jornalismo, Comunicação e Cultura

Relatório final de estágio

Rotinas de produção e constrangimentos de
uma redação integrada no meio regional –
caso da Antena Livre e Jornal de Abrantes

Mestranda

Joana Santos

Orientador

Prof.^a Dr^a. Sónia Lamy

Portalegre

2017

Aos meus pais pelo esforço e investimento na minha educação. À Cate, minha irmã e melhor amiga, pelos bons conselhos e paciência. À professora Sónia pelo incentivo e boas energias. Ao Hugo, por me fazer acreditar.

Resumo

O jornalismo regional vive dias conturbados na luta pela emancipação dos seus órgãos de comunicação, perante um conjunto de condicionalismos que colocam em causa o exercício pleno da profissão.

Como tal, têm sido detetados novos modelos de produção e novas rotinas profissionais, que muitos têm associado ao aparecimento das novas tecnologias, mais precisamente os chamados novos *media*. Porém, estas novas ferramentas podem não trazer solução para os problemas dos meios regionais, afinal, com a quantidade de constrangimentos apontados, como é possível que o jornalismo local/regional se afirme nesta nova era?

É neste sentido que se pretende trazer à discussão as novas práticas e os novos conceitos que têm feito do jornalista um profissional multifacetado, que convive no seio de uma redação multiplataforma com diversas ferramentas colocadas ao seu dispor, mas que parece ainda não conseguir gerir. No entanto, os hábitos de consumo de informação estão a mudar, sendo urgente essa adaptação para garantir a qualidade da informação local/regional.

Palavras-chave: jornalismo local/regional, redação integrada, jornalista multifacetado, convergência, jornalismo multiplataforma

Abstract

Regional journalism is experiencing troubled days in the struggle for the emancipation of its media, faced with a set of constraints that call into question the full exercise of the profession.

As such, new production models and new professional routines have been detected, which many have associated with the emergence of new technologies, more precisely the so-called new media. However, these new tools may not provide a solution to the problems of the regional media, after all, with the amount of constraints pointed out, how can local / regional journalism affirm itself in this new era?

It is in this sense that the aim is to bring to the discussion the new practices and new concepts that have made the journalist a multifaceted professional, who lives in a multiplatform newsroom with several tools, placed at his disposal, but still seems to be unable to manage. However, information consumption habits are changing, and this adaptation is urgently needed to ensure the quality of local / regional information.

Keywords: local/regional journalism, integrated newsroom, multitasking journalist, convergence, multiplatform journalism

ÍNDICE

Introdução	8
Enquadramento teórico	
1. Jornalismo regional e a necessidade de uma redação integrada	9
1.1. Conceito de Jornalismo Regional	9
1.2. Os constrangimentos e rotinas de produção de uma redação regional	14
1.3. O conceito de redação integrada e de jornalista multifacetado	22
Experiência de estágio e reflexão	
2. Caso prático – Estágio de 6 meses na rádio Antena Livre e Jornal de Abrantes.....	29
2.1. Apresentação da empresa/meios.	30
2.1.1. Constituição.	34
2.2. Constrangimentos	38
2.3. Experiência de estágio	47
2.3.1. Soluções propostas – análise de casos práticos específicos	61
Conclusão	65
Referências bibliográficas	68
Anexos.....	70

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1.....	23
Figura 2	30
Figura 3.....	31
Figura 4.....	33
Figura 5.....	34
Figura 6.....	37
Figura 7.....	48
Figura 8.....	50
Figura 9.....	50
Figura 10	51
Figura 11.....	53
Figura 12.....	56
Figura 13.....	58
Figura 14.....	59
Figura 15.....	61
Figura 16.....	63

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1 – Plano de Estágio.....	70
Anexo 2 – Informação Antena Livre – Novo Plano 2016.....	72
Anexo 3 – Cópia do e-mail enviado à diretora-geral da Media On.....	73
Anexo 4 – Ficha de avaliação de estagiário pela orientadora no local.....	75

INTRODUÇÃO

O presente relatório é sustentado pelo estágio curricular realizado na rádio Antena Livre e no Jornal de Abrantes, dois órgãos de comunicação social regionais com seio na mesma redação. Este estágio acontece no âmbito do Mestrado em Jornalismo, Comunicação e Cultura, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais de Portalegre, representando a sua última etapa de conclusão para obtenção do grau de mestre.

É objetivo deste relatório abordar e descrever a experiência de estágio, levantando questões relacionadas com as rotinas de produção e possíveis constrangimentos que surgem associados ao exercício do jornalismo numa redação integrada no meio regional, refletindo com base num quadro teórico que aborda o conceito de jornalismo regional, realçando a variedade de definições e expressões equivalentes a este conceito, e por meio da sua caracterização, sendo apontados condicionalismos das mais variadas índoles à viabilidade dos meios de comunicação social locais/regionais e ao respeito pelo estatuto do jornalista.

Pretende-se representar neste relatório as dificuldades e constrangimentos notados numa redação integrada, onde coexistem dois meios distintos, que requerem abordagens diferentes: rádio e jornal impresso. Assim, no enquadramento teórico abordamos os conceitos de redação integrada e jornalista multifacetado associados ao conceito de jornalismo regional, mediante uma prática jornalística cada vez mais digital e imediata, fazendo-se ainda um levantamento dos constrangimentos no exercício da profissão.

Após o enquadramento teórico, é feita a reflexão e descrição da experiência de estágio, com base na rotina e nas práticas que foram fazendo parte do dia-a-dia na redação, bem como levantadas questões sobre o perfil sociológico do jornalista, a rotina de produção, o contacto com as fontes, a recolha de informação, a saída em reportagem, e outras situações que se enquadram na discussão do estatuto do jornalismo no meio regional na atualidade.

Para melhor contextualizar, visto que é feita uma abordagem específica que tem por base dois meios, é apresentada de forma breve a sua constituição, a empresa proprietária, os recursos, as instalações e faz-se uma síntese da sua evolução histórica e da importância da sua instituição para o território e comunidade em que se insere.

Após análise sustentada pelo quadro teórico, apresenta-se uma série de conclusões que remetem para a pertinência da discussão da temática deste relatório.

1. Jornalismo regional e a necessidade de uma redação integrada

O conceito de jornalismo tem, desde a sua génese, sofrido alterações mediante aquilo que tem sido a evolução socioeconómica mundial desde a era da globalização, possibilitada pela introdução das novas tecnologias e da *world wide web* na rotina da democracia e dos seus cidadãos, sendo contribuidora para o seu desenvolvimento e exercício.

Isto implica claramente que se procedam a redefinições sobre o papel do jornalista, sobre as rotinas de produção das redações, sobre as necessidades e constrangimentos alocados à evolução dos novos formatos de difusão de conteúdos e de consumo dos mesmos, bem como questionar os modelos de negócio e o quão imperativo é estudar novas estruturas empresariais nos grupos *media* para que os produtos jornalísticos continuem a ser viáveis e correspondam ao que os leitores/ouvintes pretendem.

Nesse sentido, importa clarificar que, sendo o jornalismo e os jornalistas afetados pela nova era digital, são-no numa perspetiva global atingindo todas as suas vertentes. Assim, foquemos esta problemática associada ao jornalismo regional, que em Portugal representa uma fatia significativa dos meios existentes nos distritos do interior e nas ilhas. Começemos por tentar chegar a uma definição clara desta “modalidade” do jornalismo que tem sido alvo de mudanças drásticas desde a década de 80, especialmente com a legalização das rádios pirata e com a promulgação do Estatuto da Imprensa Regional, que invocou a dinamização dos meios de comunicação social locais/regionais.

1.1. Conceito de jornalismo regional

Neste subcapítulo pretende-se abordar o reconhecimento da importância e da prática do jornalismo regional mediante vários olhares de estudiosos do tema, como tal,

usaremos, associado ao conceito de jornalismo regional, outros conceitos que se entendem como similares ou equivalentes.

Entenda-se, por exemplo, a definição expressa no artigo primeiro do Estatuto da Imprensa Regional – Decreto-Lei nº106/88, promulgado a 14 de março de 1988 pelo então presidente da República Mário Soares.

“Consideram-se de imprensa regional todas as publicações periódicas de informação geral conformes à Lei de Imprensa, que se destinem predominantemente às respetivas comunidades regionais e locais, dediquem, de forma regular, mais de metade da sua superfície redatorial a factos ou assuntos de ordem cultural, social, religiosa, económica e política a elas respeitantes e não estejam dependentes, diretamente ou por interposta pessoa, de qualquer poder político, inclusive autárquico” (AACS, 1988:3)

Assim, mediante o conceito de imprensa regional, entende-se que as suas funções específicas perante um território delimitado determinam o seu *modus operandi*, i.e., a proximidade e a envolvimento no espaço público constituem factores que influenciam a rotina de produção do jornalista. Ideia defendida por Carlos Camponez, que entende que a imprensa local e regional “pressupõe a existência de uma identidade definida por referência a um território relativamente bem delimitado” (op. cit. in Santos, 2003:26).

Se até aqui o conceito se estende ao local e regional, então entremos nas suas funções para perceber o facto de ser ainda visto como jornalismo de proximidade, com especial atenção para a sua função social, por exemplo enquanto um elo de ligação da comunidade migrante/emigrante à terra natal, como explica Sofia Santos. “O jornal regional consegue estar mais próximo dos cidadãos, principalmente porque retrata os conflitos reais da região que abrange (...) Daí a sua importante função social que assenta na credibilidade, no humanismo, na utilidade que proporciona aos leitores” (Santos, 2003: 29); nesta medida, há que reconhecer que dentro das funções da imprensa regional, a proximidade é um elemento comum e essencial para o exercício do jornalismo, uma vez que se entende ser sua função no Estatuto da Imprensa Regional “contribuir para o desenvolvimento da cultura e identidade regional através do conhecimento e compreensão do ambiente social, político, económico das regiões e localidades, bem como para a promoção das suas potencialidades e desenvolvimento”,

não descurando a importância na facilitação de acesso à informação local/regional nomeadamente ao “proporcionar aos emigrantes portugueses no estrangeiro informação geral sobre as suas comunidades de origem, fortalecendo os laços entre eles e as respetivas localidades e regiões” (AACS, 1988).

Dentro da função social, reconhecida por Sofia Santos, é de destacar ainda o serviço público de carácter utilitário que é apresentado pelos órgãos de comunicação locais/regionais, uma vez que além das “informações de atualidade (...) a imprensa regional oferece aos seus leitores notícias a respeito de uma série de pequenas coisas da vida quotidiana”. Focando a mesma ideia de Michel Mathien (1993)¹, a autora refere exemplos claros dessas informações utilitárias reproduzidas nos *media* locais que servem o quotidiano e as relações sociais das populações.

“A publicação de comunicados diversos de quadros de médicos e farmácias, de comunicados oficiais dos municípios, horários dos comboios, programas de cinemas, de televisão, avisos de falecimentos, casamentos, nascimentos, entre outros, faz com que estas publicações correspondam a uma espécie de banco de dados” (Santos, 2003)

E enquanto um repositório da região, assegura uma identidade cultural e guarda a memória e história local, relacionando acontecimentos e personalidades, como tal João Pissarra Esteves (1987) descreve o propósito da comunicação social local e regional [outro conceito que integra a vasta rede de sinónimos para o jornalismo regional] de forma muito sucinta, conjugando as vertentes de regionalização e participação.

“À comunicação social local e regional cabe a tarefa insubstituível de promover o envelhecimento do cidadão comum nos processos de decisão, através de um incentivo do conhecimento, discussão, diálogo e defesa dos pontos de vista das populações; o fomento de um poder de autogestão responsável; e a defesa de um desenvolvimento equilibrado das diferentes regiões” (Esteves, 1987)

¹ MATHIEN, Michel, La Presse Quotidienne Régionale. Paris, 1993

Além desta regionalização e fortalecimento da identidade cultural de determinada comunidade, há quem tenha relacionado ainda a globalização e a introdução de novos meios e convergência entre ambos, com uma multiplicação de espaços locais, tomando como exemplos claros dessa tendência a TV Galicia e a Radio Galega emitidas por satélite e pela Internet (López García, 1998). Aqui se criaram oportunidades para que não só a comunidade local como a comunidade emigrante possam aceder à informação local, mas numa perspetiva global. Surge aqui, segundo García, o glocal.

Para Xosé López García, professor de jornalismo, os meios locais sempre puderam, podem e poderão ser porta-vozes da livre e espontânea opinião dos habitantes de determinado espaço de comunicação².

Mais longe vai Carlos Camponez (2012) que considera que o jornalismo regional não assume uma posição de proximidade meramente territorial, criando uma “polissemia de sentidos” uma vez que “Para além da proximidade física e geográfica, incluem também as dimensões temporais, psico-afetivas, socioprofissionais e socioculturais” (Camponez, 2012:36).

Para o autor, o jornalismo local/regional é o principal responsável pela existência das chamadas “comunidade de lugar”, enquanto jornalismo de proximidade que assume uma dimensão simbólica, essencial na reafirmação do local, com “um significado próprio, marcante da sua especificidade e da sua identidade”. Sem a proximidade enquanto ferramenta desse reconhecimento e manutenção desse espaço delimitado, “nas palavras de Roger Silverstone, não há lugar para a própria existência de comunidade” (Camponez, 2012:37).

“Defendemos uma definição de jornalismo regional a partir do conceito de pacto comunicacional realizado no contexto de *comunidades de lugar* – isto é, comunidades que se reconhecem com base em valores e interesses construídos e recriados localmente, a partir de uma vivência territorialmente situada – e onde intervêm critérios como o espaço geográfico de implantação do projecto editorial; o lugar de apreensão, recolha e produção dos acontecimentos noticiados; o espaço privilegiado de difusão

² Tradução a partir do original: López García, Xosé (1999): La información de proximidade en la sociedad global. Estrategias de comunicación local en la era global o como mantener la identidad en um mundo glocal. Revista Latina de Comunicación Social, 13 – janeiro de 1999

da informação; o tipo de conteúdos partilhados e de informação disponibilizada, enfim a definição dos públicos.” (Camponez, 2012)

Dada a aproximação à identidade e realidade comunitária, num espaço concreto, com uma maior noção do público a quem se dirige a informação difundida, há quem acredite que salta à vista um maior humanismo e, por sua vez, uma maior aceitação e interação por parte dos leitores/ouvintes perante determinadas temáticas que, por serem assuntos de proximidade, acabam por ser debatidos com conhecimento de causa. Ideia defendida por Manuel Fernández Areal³, reforçando a definição de comunicação social local e regional como meio de coesão social e de debate dos temas e problemas da comunidade.

“Nesses *media* dirigidos a públicos muito concretos, normalmente reduzidos, com nomes e apelidos, é onde o jornalismo é mais humano e mais verdadeiramente social, ao pôr em contacto e ao relacionar os que informam ou opinam, escrevem editoriais e dão conselhos, com um público que não é apenas recetor, mas é também enormemente ativo, que por sua vez informa, recrimina, aceita, valora, aplaude ou censura de forma eficaz.” (Areal, in Camponez, 2012)

Entende Areal que o jornalismo local e regional serve assim uma maior e pluralista representação da comunidade, representando as minorias e entidades sociais. Mas para isso é necessário que se preencham alguns requisitos do perfil do jornalista, que estando num espaço confinado e bem delimitado, tem algumas especificidades na sua rotina profissional baseada, como já vimos, na proximidade do meio de comunicação à comunidade.

Camponez ressalva a listagem feita por Christian Sauvage, destacando um conjunto de características do jornalista regional e local.

“1. O jornalista local é uma pessoa preocupada com as consequências do seu comentário; 2. é pouco dado à revelação de escândalos com o intuito de preservar as suas fontes de informação com as quais contacta todos os dias; 3. é um generalista

³ AREAL, Manuel Fernández, “El Público en los medios locales de comunicación”, in Estudios de Periodística, Número especial dedicado al periodismo local, Diputación de Pontevedra, 1997 - p. 21

sobre as questões da sua região; 4. é uma pessoa bem enraizada na sua região, mantendo um contacto fácil com as pessoas; 5. é um narrador do quotidiano repetitivo; 6. faz um jornalismo de “notáveis”, podendo ele próprio tornar-se num notável a prazo; 7. é um profissional mais sério e mais solidários com os seus colegas do que os congéneres da imprensa nacional.” (Sauvage, in Camponez, 2012)

Mas existindo esta identidade do jornalista local/regional, e tendo em conta o perfil que tem vindo a ser traçado mediante um conjunto de especificidades aliadas ao meio onde opera a comunicação social local/regional, há ainda que ter em conta o modo como são produzidos os conteúdos e como se movimenta o jornalista no seu meio local para manutenção de fontes e para conseguir atrair/manter o seu público-alvo. E porquê? Porque tendo o jornalista de cumprir com o código deontológico e o rigor ético que se espera na profissão, a proximidade e a envolvimento do jornalista no seu meio limitado, lugar onde é também cidadão e com o qual constrói inevitavelmente laços de proximidade, muitas vezes se impõem entraves ao cumprimento dos deveres fundamentais. Uma vez por constrangimentos que se criam com a própria evolução do campo jornalístico e com a introdução de novas formas de produção de conteúdos, outras pela dificuldade que se cria em praticar certo distanciamento perante fontes, que são maioritariamente organismos de poder local. Muitas são as situações que exercem pressão sobre o jornalista e sobre o órgão local, que tal como qualquer órgão de comunicação nacional, quer ser rentável e, acima de tudo, apelativo e credível.

1.2. Os constrangimentos e rotinas de produção de uma redação regional

No conjunto de deveres fundamentais dos jornalistas da imprensa regional, previstos no artigo 8.º do Estatuto da Imprensa Regional, constam “a) Respeitar escrupulosamente a verdade, o rigor e objectividade da informação; b) Respeitar a orientação e os objetivos definidos no estatuto editorial da publicação em que trabalhem; c) Observar os limites ao exercício da liberdade de imprensa nos termos da lei” (AACS, 1988).

Mas para que se cumpram os deveres e se exerçam dos direitos fundamentais do jornalista é necessário que este tenha noção dos constrangimentos e entraves que se

colocam e que são muitas vezes condicionantes na sua rotina de produção e no exercício da profissão, procurando forma de contorná-los, alcançando com sucesso o principal objetivo a que se propõe: informar.

Apesar de até aqui, para a definição de jornalismo regional e/ou comunicação social local e regional, se aclamar um conjunto de especificidades em torno de um jornalismo de proximidade e de reforço identitário de certa comunidade, isto não significa que tudo o que se gera tenha um impacto positivo no exercício da profissão e na produção de conteúdos, uma vez que surgem uma série de fatores que têm vindo a ser nomeados em vários estudos de campo levados a cabo em determinadas regiões.

Pedro Coelho, jornalista e professor, entendeu num artigo publicado em 2007⁴ sobre a função social das televisões de proximidade, que o espaço público de proximidade não tem nada de romântico, salientando que na prática o meio local não tem “perfume de pureza virginal” (Wolton, 2000: 89).

Para o autor “os meios de comunicação social locais e regionais, enquanto não conseguirem libertar-se de um conjunto de marcas negativas que os caracterizam, não poderão contribuir para a refundação do espaço público” (Coelho, 2007: 320).

Como marcas negativas Pedro Coelho refere um conjunto de índole económica, social, política e técnica/académica. Começa por acusar a cumplicidade entre órgãos de comunicação social local/regional com a estratégia das elites, “veiculando a opinião dominante, silenciando o conflito”. Também a situação económica/financeira das empresas é apontada como fragilidade a par dos “profissionais sem formação académica específica”, os “parcos salários”, e o facto de os jornalistas se tornarem “reféns de uma política editorial assente em critérios económicos que, na maioria dos casos, como referimos, apenas garantem a sobrevivência desses meios”.

A situação agrava-se com a chegada do comodismo. Segundo Pedro Coelho, os jornalistas “acomodam-se, conformam-se. Tornam-se, nestes casos, muitas vezes reféns de uma proximidade demasiado próxima” gerando-se “receio de afrontar as elites e as opiniões por elas veiculadas”, e assim o profissional prefere a monotonia da sua

⁴ COELHO, Pedro, “A função social das televisões de proximidade. Por um modelo de comunicação alternativo”, Estudos em Comunicação, nº1, 319-331, abril de 2007

habitual rotina de produção à hipótese de despoletar novo conflito que ponha em causa o seu local de trabalho e, claro está, o seu contrato.

Pedro Coelho insiste que a falta de formação específica, dado que também o jornalismo local/regional é feito de especificidades levantadas no capítulo anterior, é uma falha grave e um constrangimento ao cumprimento dos deveres da redação regional.

“A formação específica que se reclama para este jornalismo advém, igualmente, da necessidade de os seus profissionais estarem simultaneamente envolvidos na vontade comum de fazer progredir a comunidade, mas sem perderem o distanciamento crítico que os coloca no papel de mediadores do espaço público e os transforma em agentes formadores de uma opinião pública crítica e esclarecida que seja, por isso mesmo, vinculativa da vontade geral.” (Coelho, 2007)

Para o autor, em Portugal deveria existir uma formação universitária específica na área do jornalismo de proximidade, pois não havendo, essa é também razão para o ‘esquecimento’ desta área nas várias discussões e estudos no campo do jornalismo (ainda que a tendência se tenha vindo a alterar, especialmente em meio académico, sendo prova disso os vários autores citados neste documento) e para a pouca simpatia desenvolvida junto dos aspirantes a jornalistas. Pedro Coelho acredita que esta área merece um curso de ensino superior, em universidades e politécnicos, e não apenas “cursos breves e práticos nas diferentes especialidades do jornalismo” realizados no CENJOR (Centro Protocolar de Formação Profissional para Jornalistas). O autor considera que a universidade está melhor “apetrechada” para formar jornalistas de comunicação social local e regional, frisando a necessidade de um plano de estudos e não de meras disciplinas pontuais num dos semestres.

A acrescentar ao acima enumerado, a discussão sobe de tom por outra razão já aqui mencionada: a era digital. Para o investigador Pedro Jerónimo (2015) as principais mudanças acontecem no campo jornalístico devido à tecnologia.

Para Jerónimo “tudo o que se relaciona com a atividade e profissão está em debate. Da construção noticiosa à relação com o público, passando pelos incontornáveis modelos de negócio”. Para o investigador esta era das novas tecnologias trouxe a “possibilidade de toda a comunicação poder ser actualmente feita através de

dispositivos móveis”, e com isso uma resposta positiva às dificuldades de cobertura de custos de produção/impressão e distribuição dos títulos regionais. Mas alguns condicionalismos têm sido notados e que advêm dessa adaptação (ou falta dela) a este novo meio e às suas potencialidades, cujo aproveitamento ainda está muito aquém, como veremos mais adiante.

Pedro Jerónimo (2015) constata também, citando Isabel Pascoal ⁵, que a proximidade traz dificuldade aos meios locais e regionais em afirmarem a sua autonomia e a liberdade de expressão, exigindo muita versatilidade ao profissional que é também cidadão, membro da comunidade, e que é sujeito diariamente a testes à sua objectividade, rigor e imparcialidade, valores até hoje defendidos como basilares do exercício pleno do jornalismo.

“A família carenciada que é motivo de reportagem e de generosidade, ou o professor da filha da jornalista, sobre o qual terá que escrever, o diretor do jornal que é interpelado por populares com dicas de reportagem; o vereador ou padre que “encomendam” notícias. Estes são alguns dos exemplos relatados, lidos ou vividos, que fazem o dia-a-dia dos jornalistas da imprensa regional. Também eles cidadãos, residentes num determinado território. Homens e mulheres por trás dos profissionais, que constantemente têm que gerir (des)aproximações com chefias, públicos e fontes. Vivências que se fazem dentro e fora das redações e que são muito frequentes na imprensa regional.” (Jerónimo, 2015:158)

O autor destaca como “exemplo mais flagrante” a relação com a classe política local, uma vez que a tomada de decisões ou a falta das mesmas gera grande parte do conteúdo produzido pelos órgãos de comunicação locais, uma vez que são temas de interesse público e que se prendem com ordem pública/social da comunidade em que se inserem. Aqui, os gabinetes de comunicação e assessorias aproveitam uma das fragilidades das redações do meio local/regional: a falta de recursos, gerando-se uma forte dependência da agenda política/institucional, sem a qual o jornalista não consegue

⁵ PASCOAL, Isabel, Os jornalistas da imprensa regional e os condicionalismos ao exercício da profissão. Artigo apresentado no III Congresso Português de Sociologia – Práticas e Processos de Mudança Social, 1996

completar o espaço dedicado à vida política da sua região. Em momentos de maior aperto, em que a informação que cai na caixa de entrada do *e-mail* é demasiada, gera-se uma necessidade meio tresloucada por parte do jornalista para ‘esgotar/despejar’ todos os conteúdos, não deixando passar nenhum acontecimento.

Assim, muito dificilmente poderá sair para a rua, pelo que o momento de jornalismo de secretária acontece em vários momentos, ao longo da semana, revelador de certo comodismo e de um “jornalismo *copy/paste*”, prática que Pedro Jerónimo considera ser “motivada pela dificuldade que os meios e os seus profissionais têm em enfrentar as autarquias e os seus atores”, uma vez que é das autarquias que surge exponencial receita pela publicação de publicidade institucional/divulgação de eventos de cariz cultural/desportivo, entre outros.

“No caso das publicações regionais e locais, o exercício de um jornalismo independente é frequentemente condicionado pela dependência económica das instituições. O facto dos anúncios institucionais serem uma importante fonte de receita para esses jornais, por vezes são também o principal fator que inibe a publicação de notícias que possam ser consideradas incómodas para as instituições visadas.” (Jerónimo, 2015:159)

Outro condicionalismo, numa vertente social e também política, assenta na fragmentação que existe (diria mesmo ‘discriminação’) na definição dos média locais/regionais e nacionais e no acesso destes às fontes oficiais. Ainda se nota um fosso abismal no reconhecimento do trabalho das redações regionais perante os grandes grupos de comunicação social nacionais, tendo os primeiros grande dificuldade em emergir diante dos restantes meios nacionais, com a vida claramente facilitada no contacto com fontes oficiais, governamentais e institucionais, presentes nos grandes centros urbanos, nomeadamente Lisboa.

Pedro Jerónimo clarifica este exemplo, notando a maior simpatia e disponibilidade para com os órgãos nacionais, não só pelos organismos governamentais e instituições de teor nacional, como também pelos próprios órgãos de poder local, entusiasmados pela visibilidade que nem sempre é dada aos seus territórios num plano de transmissão nacional e, quiçá, até internacional.

“Um dos problemas registados pela ERC (2010) e por nós, pela experiência profissional e pelos relatos de colegas jornalistas, prende-se com a dificuldade em contactar, por exemplo, fontes ou organismos governamentais. Estes demonstram mais disponibilidade e celeridade para com os jornalistas dos média considerados nacionais, do que para os dos regionais. Curiosamente, a mesma tendência também se verifica aos níveis local e regional, onde as fontes são mais seduzidas pelos média nacionais, embora a sua presença nesses territórios não seja tão frequente.” (Jerónimo, 2015:158)

No seguimento da falta de recursos humanos nas redações dos *media* locais/regionais, há que ter ainda em conta um factor também ele determinante e condicionante da rotina profissional do jornalista, e faz ainda mais sentido notá-lo como uma causa e consequência nesse âmbito: o tempo. Uma vez que o número de recursos humanos nas redações são cada vez menores, e tendo em conta o território delimitado cuja cobertura mediática está entregue ao jornalista, que não quer ver o seu profissionalismo posto em causa e recusa perder matéria.

Não há tempo a perder numa era em que a informação chega cada vez mais depressa, por via dos meios concorrentes com outros modelos organizacionais e outras capacidades ou pelas redes sociais, ao público a que se destina. Nisto a Internet pode ser uma fatalidade se não for aproveitada como potencial espaço de difusão de informação de última hora ou exclusiva; no fundo, estas redações reduzidas correm, hoje, contra o tempo. O imediatismo e a noção de atualidade que hoje em dia marca a sociedade da informação, especialmente no que toca à presença na rede, força os profissionais a optarem por publicar aquilo que é conveniente e que vai ao encontro da política editorial do órgão de comunicação.

Por tudo isto, fortalece-se o tal comodismo, jornalismo de secretária, pela certeza de que, mais hora, menos hora, o comunicado de imprensa de instituição ‘x’ irá chegar. Há assim uma seleção de temas a tratar ao longo da rotina, que eventualmente [em casos como o do órgão de comunicação retratado neste relatório] libertem o jornalista para o trabalho a ser produzido na redação, muitas vezes tarefas que não competem à sua área profissional. Patrícia Posse, investigadora, é citada por Pedro Jerónimo (2015), dizendo que “Muitas vezes, a pressão da direção acaba por se fazer à custa do próprio emprego,

sobretudo quando existe apenas um jornalista que ‘faz tudo’”⁶. Jerónimo sintetiza esta tendência.

“Às redações chegam cada vez mais comunicados, o que resulta numa maior fixação dos jornalistas à secretária, precisamente porque são em número reduzido. Isso implica que sejam frequentemente confrontados com um acumular de funções, como a de paginador, revisor, distribuidor e até angariador de publicidade, algo que é legalmente incompatível com o exercício da profissão (*artigo 3º do Estatuto do Jornalista*).⁷”
(Jerónimo, 2015:161)

Neste sentido, o jornalista fica ‘entre a espada e a parede’, sem conseguir desenvolver grandes ‘estórias’ através de outros géneros jornalísticos, mesmo tendo vontade de inovar ou produzir um conteúdo atraente e diferente do habitual, cede à informação fácil e que lhe chega praticamente tratada.

“Perante este contexto, o tempo e o espaço para o desenvolvimento de outros géneros jornalísticos mais densos, como a reportagem ou a entrevista, são cada vez mais escassos. Os jornalistas passam a estar com mais frequência na redação e menos na rua. A edição de conteúdos externos sobrepõe-se à produção própria. Uma realidade que o aparecimento da Internet parece ter adensado.” (Jerónimo, 2015)

João Canavilhas, investigador na área da comunicação e novas tecnologias, em particular sobre a influência da internet e dos dispositivos móveis no jornalismo, enumera um conjunto de mudanças ocorridas por via da era digital no artigo “Nuevos

⁶ POSSE, Patrícia, *Ciberjornalismo à escala regional: Aproveitamento das potencialidades da Internet nos oito jornais com presença online ativa dos distritos de Bragança e Vila Real* (2011).
A autora é jornalista com experiência em publicações regionais e locais.

⁷ Estatuto do Jornalista, (Lei n.º 1/99 de 13 de Janeiro) - Artigo 3.º: Incompatibilidades
1 - O exercício da profissão de jornalista é incompatível com o desempenho de:
a) Funções de angariação, concepção ou apresentação de mensagens publicitárias;
b) Funções remuneradas de marketing, relações públicas, assessoria de imprensa e consultoria em comunicação ou imagem, bem como de orientação e execução de estratégias comerciais;
c) Funções em qualquer organismo ou corporação policial;
d) Serviço militar;
e) Funções de membro do Governo da República ou de governos regionais;
f) Funções de presidente de câmara ou de vereador, em regime de permanência, a tempo inteiro ou a meio tempo, em órgão de administração autárquica.

medios, nuevo ecosistema”⁸, publicado na revista EPI sobre informação e comunicação. O autor frisa três tipos de obstáculos ocorridos no novo ecossistema mediático: profissionais, tecnológicos e económicos.

Quanto aos desafios profissionais que se impõem, Canavilhas (2015) refere que residem essencialmente na preparação de jornalistas com capacidades para atuar num novo ecossistema, i.e., “ter profissionais preparados para trabalhar com novas linguagens multimédia e em ambiente menos controlados, onde os usuários também participam no sistema”⁹.

No âmbito da tecnologia, os obstáculos sucedem pela necessidade de adaptação a novas rotinas de trabalho e novos formatos, seguindo um trajeto que impõe inovação como palavra de ordem. “O novo ecossistema envolve novas rotinas de produção, onde conceitos como proximidade e periodicidade exigem novas interpretações à lua das tecnologias emergentes”.

Caso comum entre os autores, e aqui consolidado numa abordagem recente, é o constrangimento a nível económico: os grupos *media* foram também atingidos pela crise que se fez sentir na Europa, e as questões relacionadas com a situação financeira são consideradas como as que mais têm condicionado a evolução dos novos meios (Canavilhas, 2015). Explica o investigador que, com o surgimento de novas plataformas e agregadores de conteúdos, com informação gratuita, torna-se difícil para os órgãos de comunicação tirar rentabilidade dos conteúdos publicados e de qualidade, uma vez que os usuários optam por procurar informação grátis, pondo de parte a hipótese de proceder a assinaturas digitais, a subscrever *newsletters* ou a criar conta de utilizador.

A publicidade também já não é suficiente para sustentar os novos *media*, pois tal como a Internet abriu portas a novos modelos e formatos na comunicação social, também favorece novas práticas na área do marketing e publicidade, essencialmente gratuitas, nomeadamente campanhas e publicações através das redes sociais e dos *websites*, com estratégias dirigidas ao público-alvo de forma direta.

“Los modelos tradicionales de ingresos, ventas y publicidad no son suficientes para viabilizar los medios. Los usuarios rechazan los medios tradicionales y buscan la

⁸ Original publicado na revista internacional EPI - El profesional de la información, v.24, n. 4, pp. 357-362

⁹ Tradução livre.

información en los medios online, que suelen ser gratuitos. Pero la información gratuita no tiene la calidad exigida por los usuarios y para mejorarla, los medios necesitarían disponer de unos ingresos que los usuarios no quieren satisfacer porque siempre encuentran algún tipo de información gratis en algún lugar de internet.” (Canavilhas, 2015)

Resumindo: este conjunto de condicionalismos com que se debate o jornalismo na atualidade, ao afetar o plano nacional, tem efeitos trágicos na comunicação social local e regional mais fragilizada, reduzida e com maior dificuldade em emergir num território demasiado interior e que não se pode dar ao luxo de projetar um futuro a longo prazo. Não havendo soluções miraculosas, resta às redações continuar a sustentar a redação dentro daquilo que são as possibilidades técnicas, humanas e financeiras, tentando superar/contornar obstáculos.

Neste sentido, muito se tem falado em jornalista “faz-tudo”, jornalista “todo-o-terreno” como se auto-intitula a repórter da SIC, Joana Latino, e polivalência. Estaremos perante uma nova identidade do jornalista e um novo modelo de redação? Os tempos assim o têm ditado, como veremos no próximo subcapítulo.

1.3. O conceito de redação integrada e de jornalista multifacetado

Apontados os constrangimentos vividos pelo jornalismo, muito se tem falado nas estratégias de sobrevivência das redações e dos profissionais, e na luta pela manutenção dos órgãos de comunicação, numa ação de adaptação à nova era digital e dos dispositivos móveis.

Os consumidores são cada vez mais exigentes, querem conteúdos diferenciadores e, acima de tudo, gratuitos. A tendência é a consulta de informação através de dispositivos móveis e o abandono do meio tradicional em papel. Algo que, à partida, exige investimento e inteligência, e acima de tudo, criatividade no aproveitamento das novas ferramentas disponíveis através da Internet, e por outro lado, repensar os modelos de negócio, em particular quanto ao jornal impresso.

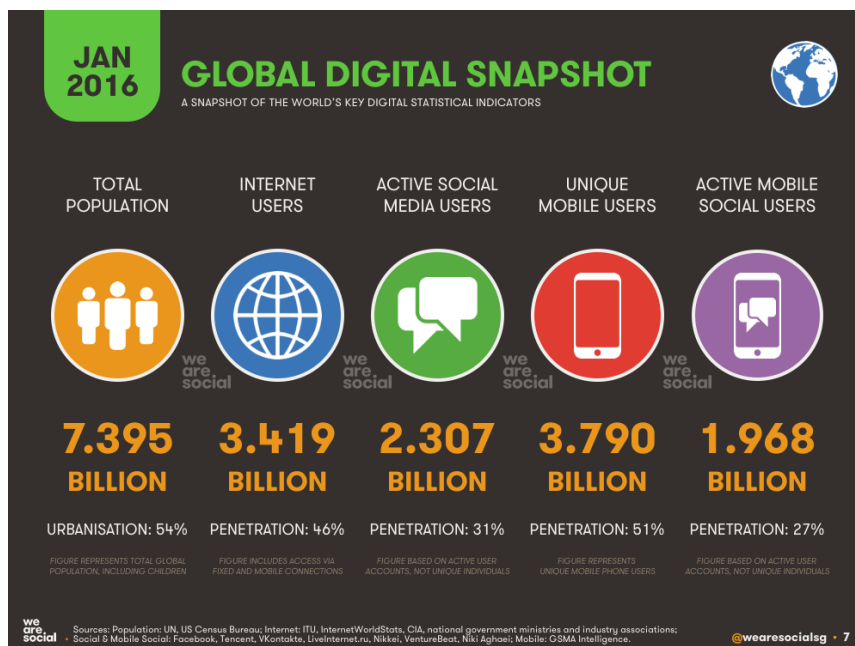


Figura 1 – Numa estimativa realizada em janeiro de 2016, verifica-se que 3.419 bilhões de pessoas têm acesso à Internet, o que representa cerca de 46,2 % da população mundial (7.395 bilhões), enquanto 31,2% são usuários ativos nas redes sociais.¹⁰

Numa altura em que as estimativas apontam para quase de metade da população mundial (46,2%) com acesso à Internet e que dela faz uso (estimativa de janeiro de 2016, fig.1), e ainda para 3.790 em 7.395 bilhões de pessoas que usam dispositivos móveis/smartphone, os dados praticamente justificam a migração do consumidor de informação do “*paper first*” para o “*web first*” (Jerónimo, 2011) e a urgência em estar presente em todas as plataformas e formatos possíveis, que cativem novos públicos e que mantenham e reeduem os antigos para uma era diferente daquela a que estavam habituados.

Catarina Rodrigues (2012) apresenta o jornalismo local “como uma das tendências para o futuro” ainda que refira o obstáculo da viabilidade económica dos mesmos. Segundo a autora “o telemóvel, primordialmente um dispositivo de comunicação individual, passou também a ser um meio de comunicação de massas, na medida em que com ele passámos a ter acesso à imprensa, à rádio e à televisão (Fidalgo, 2009)”, e porquê? Porque os meios foram “re-inventados”.

¹⁰ Fonte: <http://wearesocial.com/uk/special-reports/digital-in-2016>

No artigo compilado em ‘Ágora – Jornalismo de Proximidade’, a investigadora concorda com as visões de futuro de Canavilhas (2010) e Scolari (2008). Ambos os autores entendem que o futuro e a adaptação dos meios e dos conteúdos à *web* passam por modificar a organização e a rotina das redações, assimilando conceitos como convergência, multiplataforma e multitarefa. Ou seja, o processo de transformação das redações tradicionais em redações integradas.

“Canavilhas acredita que, no futuro, os conteúdos do jornalismo na Web deverão ser «multimediáticos, instantâneos, participados, adaptados a vários suportes móveis, hiperlocais e hiperpersonalizados». No que se refere à organização e recursos humanos, esta terá mais convergência nas redações, jornalistas multiplataforma e multitarefa, e novas profissões, realidade que aliás já temos vindo a observar. A importância das redes sociais e da conversação que se gera em rede tem impulsionado o surgimento de profissionais nos *media* a quem cabe coordenar a actividade social. Scolari (2008) fala em polivalência para designar o facto de ser cada vez mais difícil encontrar um jornalista que trabalhe para um único meio, sendo que esta polivalência pode ser tecnológica, mediática e temática.” (Rodrigues, 2012:192)

Na verdade, Canavilhas (2015) considera, anos após a afirmação acima citada sobre o futuro, que a informação tem que estar onde estão as pessoas e a única forma de o conseguir é distribuí-la pelos dispositivos que acompanham os utilizadores durante todo o dia, desde computadores, telemóveis e tablets. No fundo, no processo de adaptação à era dos dispositivos móveis, o desafio está “en encontrar la forma de producir y distribuir contenidos adaptados a esta nueva realidad com calidad suficiente para que el usuario vea el pago como la consecuencia normal del servicio prestado” (2015: 361).

Falando-se em convergência nos *media*, Javier Díaz Noci (2014) considera que o essencial passa por fazer coexistir os dois formatos: tradicional e digital. “Now, in the 21st century, it was essential to develop a production model which would meet the demand for news both in the traditional media and in the dynamic digital media” (2014:

20)¹¹. O autor define a convergência nos *media* como um conceito de amplitude multidisciplinar.

“Journalistic convergence is a multidimensional process which, made easier by the general implantation of digital communication technologies, affects media in terms of technology, companies and economy, profession and publishing, integrating tools, spaces, working methods and languages previously separated, so journalists can elaborate contents to be distributed in multiple platforms, using the proper language of every one of them.” (Salaverría, Masip, García Avilés, López and Pereira, in Noci, 2014:302)

Ou seja, o novo contexto da rotina de produção jornalística passa a ser agregadora de novos múltiplos formatos, passando a ser utilizado um modelo de produção integrada, com jornalistas preparados para atuar em todas as vertentes necessárias. “There are some aspects to be considered: i.e., integrated production, multiskill journalists, multiplatform distribution and active audience” (Noci, 2014:303).

O terceiro aspecto, a audiência ativa/participativa exige agora que a redação além da produção escrita e ilustração através de fotografia, consiga ainda ter capacidade para transmitir em direto, com recurso ao áudio ou vídeo, que prepare edições *online* de determinada matéria para que possa difundir e partilhar nas redes sociais, local onde o utilizador exerce o direito democrático que lhe é conferido em termos de liberdade de expressão, comentando a informação postada, e distribuindo também pelos seus seguidores de perfil (caso do *Facebook* e *Twitter*). Hoje, ser jornalista é estar preparado para produzir informação a qualquer altura, tendo noção que vai integrar o quotidiano dos consumidores, a qualquer hora do dia, em qualquer dispositivo móvel ou em qualquer aplicação ou rede social, com o pormenor de que, com a Internet, o imediatismo é uma regalia que o leitor não dispensa.

Posto isto, a conclusão a que se pode chegar é que efetivamente os condicionalismos a que o jornalismo está exposto resultam num círculo vicioso, uma vez que para que haja convergência, jornalista multifacetado e redação integrada, são precisas posses económicas e aval/iniciativa por parte das direções das empresas. E aqui,

¹¹ NOCI, Javier Díaz, (2014) “Introduction. Why to Study the Internet (and Online Journalism)”, in *Shaping the news online: a comparative research on international quality media*, pp. 17 - 62

estudos têm verificado que o perfil sociológico do jornalista resulta, na generalidade, em exercer a profissão com as limitações até aqui traçadas e em condições cada vez mais precárias (Rebelo, 2011).

“(...) dispõem de gente “mais qualificada, sem dúvida”, mas sujeita também a “um aumento claro dos níveis de precariedade”. Essa “tensão” também existe entre as gerações de jornalistas, porque “os mais velhos” vêm no jornalismo “uma missão”, enquanto “os mais novos” o encaram como “uma profissão”. Recordando que alguns dos entrevistados para o estudo “já vão para aí no terceiro estágio”, José Rebelo frisa que “a inovação e a irreverência não vêm dos mais jovens, vêm daqueles já instalados na profissão, o que parece um paradoxo, só que para se ser irreverente é preciso ter condições para isso e a precariedade não encoraja a irreverência”¹² (Meios & Publicidade, 2011)

Alfredo Vizeu (2002) salienta esses constrangimentos organizacionais com referência ao estudo de sociólogo norte-americano Breed que resulta numa das teorias do jornalismo: a teoria organizacional.

“Esta teoria procura mostrar como o trabalho jornalístico é influenciado pelos meios de que as organizações jornalísticas dispõem. Assim, essa teoria aponta para a importância do fator económico na atividade jornalística.

Todas as empresas privadas jornalísticas vêem o jornalismo como um negócio. As receitas provêm basicamente das vendas e da publicidade. O espaço ocupado pela publicidade acaba intervindo na produção do produto jornalístico. Na televisão, por exemplo, a publicidade impõe sobretudo a lógica das audiências: mais audiências, mais receita. Dessa forma, o conteúdo do noticiário televisivo, de uma forma ou de outra, acaba sendo influenciado pela dimensão económica: são incluídos fatos no

¹² Entrevista a José Rebelo (pela Agência Lusa), a propósito do livro Ser Jornalista em Portugal – Perfis Sociológicos, do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES) do Instituto Universitário de Lisboa. 6 de julho de 2011

Fonte: <http://www.meiosepublicidade.pt/2011/07/jornalismo-e-hoje-feito-por-mais-profissionais-mais-mulheres-e-com-mais-qualificacoes-academicas/>

jornal que teoricamente devem atrair uma maior audiência.” (Vizeu, 2002: 6)

Porém, o constrangimento organizacional não deve jamais servir de justificação para o não cumprimento dos deveres deontológicos e éticos do jornalista. Pelo menos, assim o entende Carlos Maciá-Barber. O facto de serem instituídas novas formas de fazer jornalismo e de difundir informação, nos mais diversos formatos, não liberta (ou não deveria libertar) o jornalista das obrigações inerentes ao seu estatuto profissional e restante código de conduta.

Carlos Maciá-Barber (2004) nota os novos desafios impostos à deontologia do jornalismo face à nova realidade profissional.

“Assim, ao repórter actual, a quem compete gerir diariamente o direito à informação que se reconhece aos cidadãos das sociedades livres e democráticas, exige-se o cumprimento estrito de dois sacrossantos princípios: o rigor e a veracidade. Estas exigências não se alteram pelo simples facto de as tecnologias mudarem os suportes físicos que veiculam a informação.” (Maciá-Barber, 2014: 84)

Ainda assim, o jornalismo é, hoje, um negócio, e para as empresas tem obrigatoriamente de ser rentável para fazer sentido, uma vez que perante a conjuntura económica que se vive, aquele que conseguir alcançar número de vendas/audiência acima da média é um sobrevivente. O autor considera o confronto que se tem feito notar, entre lucros e ética, considerando que existe “uma dicotomia antinómica aparentemente incompatível, que alimenta o desprestígio do coletivo profissional”. No entanto, esta é uma generalização que chega a ser perigosa, pois coloca em causa a credibilidade do jornalismo e dos jornalistas. Algo que Maciá-Barber julga ser uma subcultura e que não se aplica a todos.

“Esta apreciação não implica que todos os repórteres sejam culpados, porque certos desvios individuais não reflectem necessariamente a cultura e as práticas do conjunto da imprensa, mas constata que existem infracções reiteradas e continuadas que, em boa verdade, revelam subcultura

negativa que impera em demasiadas empresas.” (2014: 84)

Ainda que seja necessário ultrapassar este constrangimento económico, a verdade é que, com a instituição de uma nova era digital no mundo do jornalismo, a rotina profissional acaba por facilitar o trabalho de produção, ainda que exigindo demais esforços por parte do profissional, mas isso é algo a que acaba por estar habituado – na verdade, a redação já emagreceu o suficiente e as condições económicas são o que são.

Muitos autores acabam por ver o outro lado da moeda, e reconhecer a vantagem que traz este novo conceito de redação integrada/convergente, e de jornalista multiplataforma. “Jornalistas em redações multimédia convergentes têm acesso a uma rede mais vasta de processos de recolha, produção e distribuição da informação” (Volkmer and Heinrich in Fernandes, 2014:52)”.

Já João Canavilhas (2011) reconhece na convergência uma vantagem no tempo de produção e na autonomia do jornalista, com o domínio de ferramentas informáticas de edição de som e vídeo, por exemplo. “Os novos *softwares* possibilitaram igualmente a redução do tempo de produção, mas permitiram ainda que os jornalistas pudessem autonomizar-se, deixando de depender dos editores/montadores para produzirem os seus trabalhos” (Canavilhas in Fernandes, 2014).

Prova de que a convergência não será prejudicial ao jornalismo, é a sua sustentação até aqui, que passou essencialmente por adaptar profissionais vindos do meio tradicional para o novo meio digital, surgindo nos diferentes meios (rádio, imprensa, televisão) clara aposta na diversificação de conteúdos e lançamento de projetos para dispositivos móveis.

Seja como for, a identidade do jornalista vai continuar em mutação e as questões em torno da condição de trabalho, dos novos modelos de negócio e da tendência para a digitalização continuarão certamente a ser debatidas, uma vez que as perguntas que se impõem começam a ser muitas e tocam já a dimensão deontológica e ética.

À partida, o jornalismo regional não escapará a esta discussão no futuro, porque dificilmente sobreviverá se não enveredar pelo mesmo processo de adaptação que é urgente a todos os meios, como forma de emergir no campo dos *mass media*.

2. Caso prático – Estágio de 6 meses na rádio Antena Livre e Jornal de Abrantes

Os anteriores capítulos servem a contextualização teórica que considero relevante na análise do estágio curricular por mim efetuado na Rádio Antena Livre e Jornal de Abrantes – Media On Comunicação Social, Lda, com sede na cidade de Abrantes, no âmbito do segundo ano do mestrado em Jornalismo, Comunicação e Cultura, na Escola Superior de Educação de Portalegre (atual ESECS – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais).

O estágio teve início a 12 de outubro de 2015, tendo terminado a 11 de março de 2016 (inicialmente previsto o término a 7 de março, mas como devia horas à casa devido a ausência por motivos de saúde, contactei a secretaria da Escola no sentido de proceder a esta alteração, não tendo sido levantado qualquer constrangimento legal por parte da empresa ou da escola).

Após conclusão do primeiro ano de mestrado, existe a possibilidade no plano de estudos (com duração de 2 anos) de se concluir o segundo ano do curso optando por uma especialização na área do jornalismo ou da comunicação, levando a cabo a realização de dissertação, estágio curricular ou projeto.

Durante o primeiro ano deste ciclo de estudos, de caráter letivo, optei por dirigir muito do trabalho realizado nos dois semestres para a temática da relação do jornalista regional com as fontes (nomeadamente poder político), das redes sociais e dos novos *media*. Acontece que são temáticas que têm sido discutidas nas últimas décadas e que acho fundamentais na contribuição para a construção da identidade do jornalista e para que se possa fazer um retrato do estado do jornalismo em Portugal.

Desde início do mestrado que tinha em mente a realização de estágio curricular, uma vez que acredito que esta dimensão representa uma mais-valia para o estudante de jornalismo, no meu caso inexperiente, e que quer começar a dar pequenos passos para iniciar a sua vida profissional na área. Já o havia feito no âmbito da licenciatura em Jornalismo e Comunicação, com estágio no Diário de Notícias, e queria agora conseguir

experiência numa área diferente da nacional e que sempre ouvi ser associada a “grande escola do jornalismo” – a comunicação social local e regional.

Após contacto com a empresa em questão, foi-me dito que estariam abertos a receber-me em estágio curricular, tendo sido agendada uma reunião/entrevista informal com a diretora de informação que viria a ser também minha orientadora de estágio.

Entretanto o protocolo foi assinado entre ambas as partes, com o meu conhecimento. Na tarde de 5 de outubro, reuni com a jornalista Joana Margarida Carvalho, minha orientadora no local, momento que serviu para estabelecer o prazo de duração do estágio bem como para me inteirar basicamente da rotina, funcionamento e instalações. Foi ainda apresentado o Jornal de Abrantes, publicação anexa à rádio Antena Livre e produzida naquela redação.

Após definição do horário, das 10h00 às 17h30, com hora de almoço entre as 13h30 e as 14h30, foram ainda preenchidos os objetivos a que me propus neste estágio, de acordo com as atividades indicadas pela empresa, redigidos no Plano de Estágio enviado à minha orientadora na escola e à direção de curso (**anexo 1**).

2.1. Apresentação da empresa/meios

Antes de iniciar a reflexão e descrição da minha experiência neste estágio, entendo que importa proceder à apresentação da empresa, fazendo um enquadramento dos dois meios existentes no local – rádio e jornal – e identificando os recursos humanos envolvidos na sua constituição.



Figura 2 - Logótipos atuais da rádio Antena Livre e do Jornal de Abrantes.
Fonte: Antena Livre

“A Rádio Antena Livre, a emitir desde 1981,
é uma das pioneiras rádios locais em

Portugal. A emitir 24 horas por dia, na frequência 89,7MHz, é uma rádio generalista, com elevado destaque na informação regional e na programação musical.

Para além da Antena Livre, faz parte do grupo Media On, Comunicação Social, Lda, o Jornal de Abrantes, publicação secular, actualmente é a única publicação regional gratuita. Com uma tiragem de 15000 exemplares, o Jornal de Abrantes, é uma publicação mensal, totalmente a cores, e com distribuição especializada nos concelhos de Abrantes, Sardoal, Mação, Vila de Rei, Constância e VN Barquinha.”¹³

Conhecida como RAL no concelho de Abrantes, a Antena Livre ocupa um espaço muito querido junto da comunidade. Diria que, tendo em conta o enquadramento teórico feito neste relatório e os conceitos associados à definição de jornalismo regional, este órgão de comunicação assume-se como claro exemplo de elo de ligação à comunidade e como motor de desenvolvimento do território local.

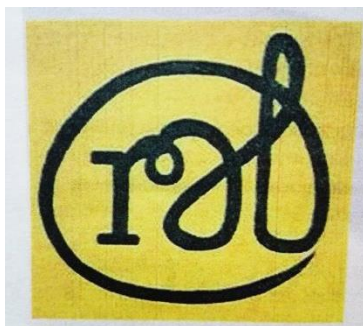


Figura 3 – Antigo logótipo da RAL. Fonte: Jornal de Abrantes

Por sua vez, o Jornal de Abrantes também assume particular importância no registo em papel, sendo a publicação mais antiga que ainda hoje subsiste, ainda que com um novo modelo, uma vez que é uma publicação mensal, cuja distribuição é gratuita, sendo feita nos concelhos de abrangência, na região do Médio Tejo e em particular no concelho de Abrantes. A assinatura por um ano equivale a 10 euros, que cobrem os custos de distribuição via CTT.

¹³ Fonte: Quem somos, site oficial da rádio Antena Livre - <http://www.antenalivre.pt/>

“O Correio de Abrantes acaba em 1977. O Jornal de Abrantes continuou numa linha mais tradicional, incluindo o grafismo, até que em 2009 é comprado pela Jortejo, de Santarém, sendo contudo, a sua produção assegurada pela Antena Livre. Em 2011 passa a ser propriedade da Media On, que já detinha a Antena Livre, voltando a propriedade a Abrantes, embora a uma empresa do Grupo Lena.” (Jana et al., 2016:178).

Acontece que, na década de 80, surge como muitos outros movimentos a saudar a novo ordem política pós-25 de abril de 1974, o movimento de legalização das rádios. A RAL/Antena Livre foi pioneira nesta revolução.

“Revolucionário, em vários sentidos, foi o movimento das “rádios pirata” ou “rádios livres”. Face a uma comunicação social quase totalmente nacionalizada a nível nacional, este movimento teve uma dupla dimensão: a da liberdade de informação e o da afirmação do local. No concelho de Abrantes, a Rádio Antena Livre [RAL] inicia as suas emissões regulares e continuadas em 1981, nas Arreciadas, e a Rádio Tágide em 1983, no Tramagal. Outras tentativas houve, mas estas foram as que vingaram, cada uma com a sua História. A RAL muda-se para Abrantes em 1991, onde ainda se mantém, mas passa a Antena Livre desde 2001 quando é adquirida pelo Grupo Lena. Longe vão os tempos iniciais, num percurso de que muito haveria a dizer, incluindo a sua informatização e terem começado a emitir para todo o mundo via Internet. Entretanto, a Tágide fechou as portas em 2014.” (Jana et al., 2016:179).

Estando na frente do Movimento das Rádios Livres, do qual António Colaço foi figura incontornável tal como os radioamadores Carlos Ramos, Sousa Casimiro e Lena Silva (os dois últimos deram voz à primeira emissão da rádio), sob o mote “Em Abril, Rádios Mil”, a RAL iniciou emissões regulares ilegais, e o *slogan* mantém-se até aos dias de hoje: “A tentação de fazer, o prazer de escutar rádio local”. Em 1989, com a Lei da Rádio, a RAL consegue licença, e estando legalizada começa a institucionalizar-se, com uma equipa composta por vozes voluntárias e com os primeiros jornalistas

profissionais da região com acesso à informação nacional por telex. Em 1991, muda-se para a cidade de Abrantes, entrando em crise anos mais tarde, em 1997, levando à sua dissolução.

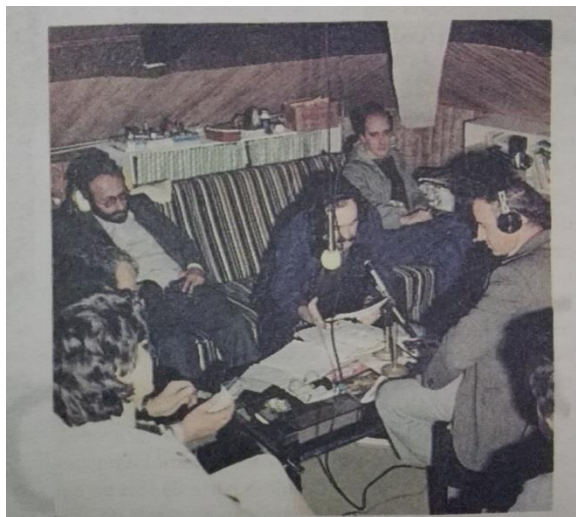


Figura 4 – Emissão ilegal a partir de um sótão. Fonte: Jornal de Abrantes

Em 2001, o Grupo Lena Comunicação, detentor de outros meios de comunicação regionais como o Região de Leiria e o Jornal da Bairrada, adquire a estação emissora, nascendo a empresa Media On, Comunicação Social Lda.

Em 2005, o *slogan* reformulado passa a ser “A Rádio Como Você Gosta” e dá-se o lançamento para a nova era digital, com a emissão on-line a partir do *site*. Em 2010, é criada a página de *Facebook*, onde se começam a dar pequenos passos na presença daquele meio local na *web*.

“O mundo local já não é o mesmo. Hoje, há uma ligação permanente e global entre Abrantes e a diáspora abrantina. Sem esquecer que a mesma se faz também através de telemóvel, entretanto aparecido.” (Jana et al., 2016:179-181).

A 21 de janeiro de 2016 a rádio Antena Livre comemorou 35 anos de emissões regulares a partir de Abrantes enquanto o Jornal de Abrantes completou 116 anos de existência.

2.1.1. Constituição: instalações, recursos e programação

A equipa da casa é constituída por Joana Margarida Carvalho, diretora de informação, e a única jornalista a tempo inteiro, e Paulo Delgado, diretor de programação e responsável pela supervisão e orientação de programas temáticos. Miguel Ângelo e Cristina Azevedo integravam a equipa da publicidade.

Em regime de *part-time*, o jornalista Mário Rui Fonseca, colaborador da Agência Lusa, também integrava a equipa de informação. Joana Carvalho é também diretora do Jornal de Abrantes, e conta com a colaboração de Mário Rui Fonseca e Paulo Delgado, e ainda Alves Jana (que além de colaborar na rádio desde os seus primórdios, foi já diretor do jornal) entre outros colaboradores externos.



Figura 5 – A equipa de informação e o diretor de programação: Joana Margarida Carvalho, Mário Rui Fonseca e Paulo Delgado (em baixo) no estúdio de emissão da Antena Livre. Fonte: Antena Livre

O estúdio da Antena Livre situa-se na cave do Edifício Mira Rio, na Avenida Humberto Delgado, em Abrantes. As instalações têm um estúdio de gravação e entrevista, um mini-estúdio para gravação, e preparado para gravação de entrevista via

chamada telefónica, um estúdio de emissão, onde está o computador com a programação e onde são feitas as emissões em direto nas instalações da rádio.

Tem ainda uma sala de redação com um computador e uma impressora, dois telefones fixos, e dois computadores portáteis usados para trabalhos e emissões no exterior (nomeadamente no desporto, com o acompanhamento dos jogos de futebol das equipas regionais). A redação tem ainda à disposição uma câmara fotográfica digital.

Na entrada, há uma sala para assuntos administrativos, onde funcionava a receção, antes da administrativa ser dispensada. Tem ainda um arquivo, com espólio desde as primeiras emissões da antiga RAL, que inclui discos de vinil. Há também uma pequena sala de mesa redonda para reuniões.

A rádio dispõe ainda de um carro, *Citröen Saxo*, usado para saídas em reportagem, bem como para distribuição do jornal na zona centro de Abrantes e a alguns parceiros publicitários na periferia.

Quanto à programação da rádio, existe um conjunto de programas diversificado, os quais passo a enumerar.

- *Edição da manhã*: com condução de Paulo Delgado, de segunda a sexta-feira, o dia começa sempre às 7h00 com música escolhida pelo locutor.

- *Amo-te Rádio*: magazine de Pedro Miguel Ramos, empresário e apresentador de tv, que decorre nas madrugadas de sábado entre as 00h00 e a 01h00 e nas de domingo das 02h00 às 03h00, onde se fala das novas tendências da moda, da comida, da música, eventos culturais que acontecem a nível nacional.

- *Em Busca do Tempo Perdido*: seleção de canções dos anos 80 e 90 nas manhãs de fim-de-semana, na grelha aos sábados e domingos entre as 07h00 e as 11h00 com Anabela Maia.

- *Central de Escuta*: programa sobre as novidades no mundo da música, com produção e apresentação de Luís Delgado. Passa na rádio todas as terças; quartas e quintas-feiras em forma de rubrica às 08h45; 13h00; 15h00; 17h00 e 19h00 e em versão

alargada aos sábados das 15h00 às 18h00. A reposição acontece aos domingos das 11h00 às 14h00.

- *Radar*: A jornalista Patrícia Seixas colabora todas as quintas-feiras à noite, recebendo nos estúdios da Antena Livre os comentadores residentes do programa: Vasco Damas, Luis Ablú Dias e Alves Jana. Entre as 22h00 e as 00h00 os intervenientes comentam a toda a atualidade e todos temas que marcam a semana no mundo, no país e na região. A reposição acontece aos sábados, das 11h00 às 13h00.

- *CoolSound*: Programa de animação musical, a cargo de Aurélio Luís, das madrugadas de sábado entre as 01h00 e as 02h00, e ao domingo entre as 00h00 e as 01h00.

- *Music Box*: Todos os sábados às 18h00. Paulo Jorge Delgado recebe convidados para dar a conhecer as suas preferências musicais e de que forma se cruzam nos seus percursos de vida. Music Box tem reposição aos domingos pelas 14h00.

- *Dance Power*: Passa aos fins-de-semana, com sets de música de estilo house, dance ou electrónica do Dj AMG ou de convidados seus. Passa às 02h00 de sábado e às 01h00 de domingo.

- *Disto & Daquilo*: O programa mais antigo da rádio, pois acontece desde 1986. Alves Jana e Eduardo Campos aceitaram o convite da RAL para fazer um programa de conversas. Atualmente na Antena Livre, o Disto & Daquilo vai para o ar todas as semanas com condução alternada de Alves Jana; Rolando Silva; Mário Pissarra; Joana Margarida Carvalho e Mário Rui Fonseca, que preenchem duas horas de entrevista/conversa informal com personalidades da região. Passa às terças-feiras entre as 22h00 e as 00h00, com reposição aos sábados entre as 19h00 e as 21h00.

- *Rádio Aurora - A outra voz*: Programa inclusivo, que passa aos domingos às 20h00 com duração de 30 minutos. Dá voz a um grupo de pessoas com “cadastro psiquiátrico” que lutam contra o preconceito e têm intenção de mudar mentalidades.

Este espaço, emitido na Antena Livre, produzido no Hospital Júlio de Matos (atual Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa). A ideia partiu da psicóloga Isabel Moura-Carvalho. O programa é gravado pelo psicólogo clínico Nuno Faleiro da Silva, e emitido em diversas rádios regionais de todo o país.



Figura 6 - A mesa de som do estúdio de gravação, onde são realizadas grandes entrevistas com convidados. Fonte própria

Além da música, a rádio Antena Livre acolhe ainda espaços de rubrica dos mais diversos temas, desde a história, passando pela filosofia e o desporto.

- *Philosofando*: momentos para pensar a vida a partir da filosofia e a filosofia a partir da vida, com Alves Jana, doutorado em Filosofia e professor reformado.

- *Caminhar em Tempos Difíceis*: Com Paulo Niza e Célia Martins do Centro de Negócios & Empresas de Almeirim, todas as terças feiras às 10h45. Fala-se de assuntos da vida pessoal e profissional e das soluções que podem ser encontradas para viver melhor.

- *Salpicos de Cultura*: com Luís Marques Barbosa, um magazine sobre conhecimento científico, pensadores, obras publicadas, que resulta numa reflexão sobre o tema.

Também o registo de crónicas de opinião consta da grelha de programação da rádio. De segunda a sexta, os cinco cronistas residentes ocupam os seus espaços, em cerca de 2 minutos, sobre tema por si preparado. São eles Ana Clara (2ª), Piedade Pinto (3ª), Armando Fernandes (4ª), Margarida Togtema (5ª) e Vasco Damas (6ª). Habitualmente a crónica de opinião integra o alargado informativo do 12h00 e repete no alargado da meia-noite.

Como já foi referido, a rádio Antena Livre e o Jornal de Abrantes são propriedade da empresa Media On, Comunicação Social Lda, do Grupo Lena Comunicação, com sede em Leiria.

A direção do departamento financeiro pertence a Ângela Gil, diretora geral, e a gerência é feita por Francisco Rebelo dos Santos.

A produção gráfica bem como o design gráfico do Jornal de Abrantes são feitos por profissionais do Semanário Região de Leiria, publicação muito aclamada pelo grupo media, e que se situa na sede.

A tiragem é de 15 mil exemplares, cuja impressão é feita na gráfica Unipress Centro Gráfico, Lda., no Porto. Recorde-se que a distribuição do jornal é gratuita. E a sua assinatura anual de 10 euros. Cada nova edição do jornal chega sempre no primeiro dia do mês a que se refere a edição, sendo distribuído nesse mesmo dia.

2.2. Constrangimentos

A par da minha experiência de estágio, tive contato direto com aquilo que é a rotina de produção dos dois meios locais. Ao longo dos seis meses de execução fui-me deparando com os constrangimentos que têm vindo a ser apontados por vários autores, devendo tomar-se em consideração o quadro teórico constante no presente relatório.

Por minha iniciativa, comecei por fazer um levantamento de condicionantes e situações constrangedoras relacionadas com o dia-a-dia da redação e dos profissionais da casa, certa de que estes episódios levantassem questões éticas e deontológicas, e como tal, merecessem reflexão e discussão.

Nesta medida, parto da enunciação desses constrangimentos que limitam de alguma forma o exercício do jornalismo, neste caso em concreto, mostrando a realidade de uma redação de um órgão de comunicação social local/regional, que é efetivamente uma redação multiplataforma e convergente, nem que seja pelo simples facto de albergar dois meios distintos: rádio e imprensa.

Partimos então da primeira impressão ao chegar ao local, e que é imediatamente confirmada pelos profissionais: a falta de recursos humanos. Apelidei aquela redação como sendo “uma redação de um jornalista e meio”. Acontece que, a rádio tem a tempo inteiro apenas uma jornalista, a diretora de informação Joana Carvalho. Os restantes membros, por serem colaboradores da casa e por terem outros empregos com horários que não lhes permitem estar das 10h00 às 18h00 nas instalações, acabam por só se deslocar quando podem e quando pretendem gravar a próxima rubrica/programa que lhe compete, uma vez que, ao contrário do que o ouvinte comum possa pensar, nem tudo na rádio é feito em direto; aliás, mais de 50% dos conteúdos são programados depois de produção por antecipação.

Aqui gera-se uma certa estranheza, mas o facto é que a Antena Livre se tem mantido assim desde 2005, com a chegada da jornalista Joana Margarida Carvalho à equipa, que depois de efetuar o seu estágio profissional na casa, acabou por ser contratada.

Não havendo administrativa ou rececionista, sempre coube a quem está na rádio 8 horas por dia, atender chamadas telefónicas, receber quem toca à porta, receber convidados, tratar da manutenção das instalações (comprar materiais básicos, encomendar quando estes acabam ou comprar por iniciativa própria, havendo um fundo de maneo para o efeito). As limpezas eram sempre feitas às segundas-feiras da parte da manhã por duas empregadas domésticas da confiança da jornalista. Quando necessária manutenção do veículo da rádio, ou de comprar *toner* para a impressora, ou eventualmente receber novos assinantes (algo que vai de encontro ao estipulado no Estatuto do Jornalista, por ser tarefa para a área da publicidade), a jornalista tinha de o fazer. Aqui se comprova que a ideia do jornalista ‘faz-tudo’ (Posse in Jerónimo, 2015) não é uma mera ideia. Verifica-se realmente. Apesar de a equipa da publicidade ser constituída pelo Miguel Ângelo e pela Cristina Azevedo, acontece que ambos mantinham outros empregos, e portanto não estavam a tempo inteiro ao serviço da Media On.

Quanto ao que se refere à rotina de produção da redação, a falta de recursos humanos torna-se evidente. A estratégia do dia-a-dia passava por trabalhar na rádio, atualizar a agenda, recolher informação, recolher áudios para poder ser incorporado nos noticiários e nos *flashes* informativos sob a forma de RM, e reutilizá-los para produzir

conteúdos para o *site* da rádio, que viriam depois a ser adaptados para a edição do jornal desse mês.

Aqui há uma clara necessidade de estratégia e organização para poder “chegar a todas as frentes”. Agora note-se ainda que, havendo a produção do jornal de periodicidade mensal, há que fazer o planeamento até meados do mês, para que todos os conteúdos estejam prontos a enviar para a equipa de paginação do Região de Leiria até dia 20 (podendo variar um dia ou dois), para que, no máximo, nos últimos 2 ou 3 dias, se proceda ao fecho da edição, com revisão dos conteúdos na redação da Antena Livre pela jornalista Joana Carvalho, uma vez que o jornalista Mário Rui Fonseca apenas se encontrava na redação no período da manhã.

Acontece que, com o acumular de tarefas, a rotina de produção torna-se uma autêntica corrida contra o tempo, que tem de ser bem gerido para que não hajam (ainda mais) falhas.

A agenda acaba por sofrer bastante, uma vez que se começam a deixar cair acontecimentos, e a optar-se por uns em detrimento de outros, uma vez que a área de cobertura corresponde a seis concelhos: Mação, Sardoal, Abrantes, Vila de Rei, Constância e Vila Nova da Barquinha.

Mas aqui levantam-se duas outras questões. O facto de não se preverem novas contratações que auxiliem na rotina de produção dos dois órgãos de comunicação acaba por ser assimilado pela equipa, que se conforma com o estado das coisas pelo facto de precisar de manter o seu posto de trabalho e por não querer causar guerras com a gerência.

O conformismo leva à monotonia da rotina de produção, o que é compreensível: em fórmula vencedora, não se mexe. Se até ao momento deu para aguentar o barco, para quê insistir na mudança? E muitas vezes notei esta pouca vontade de inovar, que depressa soava a jornalismo de secretária, com dependência forte perante os contactos telefónicos com as fontes, gravações por telefone e notas de imprensa.

Esta rotina monótona, para ser feita com sucesso, dependia da organização dos diretores de informação e de programação, Joana Carvalho e Paulo Delgado. A corrida desenfreada para recolher conteúdos dos colaboradores, a fim de os conseguir publicar na hora certa, tornava-se assustadoramente cansativa.

Notava-se uma dependência em demasia perante os gabinetes de comunicação, especialmente das autarquias, bem como da disponibilidade dos cronistas que gravavam nas manhãs correspondentes ao dia destinado à sua crónica, para que no final do noticiário do 12h00 pudesse passar. Muitas vezes aconteceram gravações em cima hora, que dificultavam a edição atempada e a colocação da respetiva trilha sonora, tarefa também atribuída à jornalista.

O mesmo acontecia com o poder local, que muitas vezes se mostrava indisponível no imediato, levando a que se reagendasse a entrevista para mais tarde, algo que vem reforçar a tendência da relação poder local *versus* media. “Quando lhe interessa difundir uma informação, apressa-se a contactar o jornalista mais próximo ou a convocar uma conferência de imprensa. Quando não lhe interessa o assunto encara o jornalista como um chato que vem fazer perguntas incómodas” (Carvalheiro, 1996).

Com a falta de tempo e de mão-de-obra, a variedade de géneros jornalísticos não abundava. Nomeadamente no que toca à rádio. Não há espaço para reportagem, nem investigação no alinhamento da Antena Livre, e mais uma vez se aponta para o conformismo aliado à falta de tempo.

Como se não bastassem as fragilidades até agora destacadas, há algo que nos chama a atenção. Acima refere-se os cinco concelhos que tanto a rádio como o jornal privilegiam na sua cobertura. Ainda assim, a tendência é para abranger o máximo território possível, agregando-se outras autarquias, nomeadamente Gavião e Belver, que pertencem ao distrito de Portalegre e são já pertença ao território do Alto Alentejo.

A questão que se coloca é não existir uma definição clara da área de cobertura noticiosa. Ora, se até então apenas cinco concelhos da região do Médio Tejo, distrito de Santarém, mereciam essa cobertura, entretanto não se percebe muito bem quais os concelhos e regiões englobados na agenda destes media. Certo é que os acordos celebrados com as autarquias da região geram receita, nomeadamente para publicação de publicidade institucional, bem como passagem de *spots* publicitários na rádio. E por essa razão, a certa altura, o número de concelhos de abrangência da rádio, incluindo produção para o *site*, aumentou para autarquias vizinhas da região, entre eles Torres Novas, Entroncamento e Tomar. Surge uma dúvida: se os cinco concelhos que partilham fronteiras são difíceis de gerir no que toca à inclusão na agenda e na saída para a rua... ao estar a aumentar a área de cobertura jornalística não se está a pecar no

que toca à qualidade dos conteúdos produzidos e ao efetivo exercício da profissão com todos os deveres associados?

Uma outra questão que se coloca prende-se com os recursos e equipamento técnico. Os materiais que compõem a redação e os estúdios carecem de manutenção ou mesmo renovação. Verificou-se constantes avarias de mesas de som, ruídos nas gravações por telefone provocados por interferência na ligação ao monitor do computador, portáteis antigos e com processador lento, que não suportavam programas de edição de áudio, por exemplo, o *Audition CS5.5*. A câmara fotográfica apresentava anomalias, particularmente no interior da objetiva, deixando uma mancha branca em todas as fotos, que muitas vezes acabavam por ser publicadas assim mesmo, por não se achar outra solução.

Mas talvez a solução passasse também por dotar os profissionais da casa de conhecimentos/capacidades de edição e montagem de vídeo, fotografia e produção multimédia. Acontece que, apesar de hoje em dia haver muita oferta de programas de edição *online* gratuitos, os profissionais não se mostram abertos a integrar novas práticas na rotina. Ainda que sejam práticas que acrescentem valor aos conteúdos e que, eventualmente, salvem conteúdos.

Já que os profissionais não sentem essa obrigação nem se mostram interessados em fazê-lo de forma autodidata, talvez fosse melhor as empresas pensarem em fornecer formações nesta área, o que no caso do Grupo Lena seria relativamente fácil, uma vez que têm profissionais nas áreas do *design* gráfico, paginação e multimédia na redação do Região de Leiria, local da sede da empresa.

Verificou-se ainda, no seguimento das condicionantes técnicas acima referidas, a falta de aproveitamento das TIC e ferramentas colocadas ao dispor do jornalista na era dos dispositivos móveis. Notou-se algum alheamento a estratégias de gestão de redes sociais, bem como plataformas multimédia ou de *streaming*/arquivo de áudio, caso do PodOmatic que eu havia apresentado como exemplo de ferramenta neste âmbito à equipa. O uso do *site* também foi sempre muito linear, não havendo ousadia para explorar outras potencialidades, nomeadamente hiperligação e criação de fotogalerias.

O mesmo se refletiu no uso da página de *Facebook* da rádio Antena Livre, criada em 2010. Nunca se verificou coerência nas partilhas de conteúdos, havendo partilha

desenfreada de novidades a nível de programação, de promoção de programas como o Music Box, que engolia a partilha dos conteúdos informativos. Já para não falar no quão cansativo se tornaria para os seguidores receber no mesmo dia dezenas de notificações sobre o mesmo assunto, e nada de novo. Aquilo que poderia servir de elo de ligação e atração de novos públicos, mais jovens até, tornava-se pouco apelativo por via de falta de estratégia na gestão da página. Acontece que, nesta era existe uma “nova rádio, já não exclusivamente sonora e contínua temporalmente”, porém, não se verifica a ousadia necessária para abraçar novas formas de dinamizar e promover a rádio local na *web*. “Verifica-se que existe uma dependência entre aquilo que passa na emissão hertziana e a disponibilizado na página da rádio. Ou seja, só muito raramente encontramos no *site* notícias que não tenham passado na emissão radiofónica”, sendo esta a produção privilegiada pela rádio portuguesa de informação que se encontra “de forma muito acentuada amarrada à sua emissão tradicional” (Bonixe, 2012).

Seguindo para a rotina associada à produção do Jornal de Abrantes, há que salientar que a preocupação em começar a agendar reportagem, bem como entrevistas, começa a surgir a meio do mês, momento em que a informação da rádio começa a ser gravada e programada por antecipação, verificando-se grande dependência da agenda política e dos comunicados de imprensa, uma vez que o tempo para investigação e para sair em busca de notícias tem de ficar mais concentrado no âmbito do plano de execução do jornal.

Algo que se verifica em termos de notícias e breves, é a sua reprodução adaptada a partir daquilo que foi produzido para o *site*, aproveitando-se as gravações para passar na informação da rádio. Aqui é notória a falta de um arquivo organizado de fotografia/imagens ilustrativas, uma vez que a biblioteca multimédia em *back office* não era organizada, não havendo o cuidado de, ao carregar ficheiros, colocar palavras-chave ou adicionar título que facilitasse a procura de imagens. Deste modo, procedia-se muitas vezes à reprodução das imagens enviadas pelos gabinetes de comunicação, grande parte das vezes cartazes de eventos. Quando não havia possibilidade de encontrar fotos, recorria-se a uma pesquisa num motor de busca. Porém, muitas vezes não eram colocados os devidos créditos da imagem, o que efetivamente poderia trazer problemas. O jornal, por necessitar de uma certa qualidade de imagem, causava preocupações de última hora no fecho da edição, uma vez que tinha de se encontrar imagem que se

enquadrasse num espaço limitado e que fosse própria para a ilustração do texto em causa.

No que toca à disponibilização do Jornal de Abrantes, apesar da distribuição em papel, é também divulgado em formato PDF, através da plataforma de conteúdos *Issuu*, na conta do responsável pela publicidade, Miguel Ramos. Um senão é que, na grande maioria das vezes, só era publicado *online* cerca de uma semana após a distribuição, o que se revelava uma falha grotesca perante os leitores que acediam àquela publicação por meio digital, nomeadamente emigrantes.

Na verdade, a divulgação do jornal não tinha um espaço claro no *site* oficial da rádio, apesar de lá ser mencionado, acabando por ser apenas partilhada a ligação para a consulta através de janela interativa do *Issuu*. Seria importante que, tal como outros conteúdos, fosse carregado para o *site* numa secção própria, que funcionasse como arquivo dando acesso direto, estando ordenado cronologicamente. Assim, quem pretendesse consultar via *online* as várias edições, teria de efetuar uma busca na conta de *Issuu*, perdendo tempo que, a esta parte, seria desnecessário.

Já foi mencionado aqui que o jornal, quanto à sua estrutura, design e paginação está a cargo da secção do Região de Leiria. São jornais que, apesar de pertencerem ao mesmo grupo *media*, apresentam estruturas e design completamente diferentes, sendo que o Região de Leiria é um jornal muito idêntico ao jornal *i*, mais moderno e com grafismos mais apelativos. O que se verificava é que, por coincidirem ambas as épocas de fecho, o Jornal de Abrantes era deixado para última instância, não havendo predisposição dos paginadores, até pelo constrangimento da falta de tempo, para trabalhar noutro grafismo. A capa e a manchete muitas vezes foram simplistas, pouco trabalhadas, em assuntos que mereciam um maior destaque.

Quanto aos conteúdos, dada a falta de tempo para sair em reportagem, e o acumular de constrangimentos que vêm sendo referidos, acabavam por ser adaptações das notícias publicadas no *site*, crescendo ou diminuindo em termos de caracteres dependendo dos espaços dedicados à publicidade, que apesar de terem uma página dedicada a esta área e estando habitualmente guardada a contracapa da publicação para publicação de cartaz de divulgação de eventos autárquicos (por exemplo, agenda cultural mensal do município de Abrantes, algo que era regular – em cinco edições [de

novembro de 2015 a março de 2016] 4 contracapas foram a agenda mensal deste concelho).

Faltavam géneros jornalísticos nobres, nomeadamente reportagem e grande entrevista, baseados em histórias de vida, em personalidades da vida local, faltava explorar o interior esquecido das aldeias do concelho, bem como das tradições associadas. Algo que realmente funcionasse como instrumento da memória e identidade cultural da comunidade. As fontes revelavam-se sempre muito oficiais e institucionais, o que tornava um jornal de proximidade muito pouco próximo das comunidades rurais do concelho, de onde saíram grande parte dos emigrantes ou migrantes que procuravam neste meio novidades ou memórias sobre a sua comunidade, a sua aldeia.

Por último, e numa fase próxima do término de estágio, eis que com a comemoração dos 35 anos de emissões regulares a partir de Abrantes da rádio Antena Livre, se prepara o lançamento de um novo *site*, com aspeto renovado, havendo intenção de preparar um local digno de partilha e divulgação para os leitores/ouvintes. A ideia era renovar e inovar. Acontece que o *site* foi lançado “à pressa”, com alguns conteúdos que foram sendo migrados para preencher as secções e se efetuarem testes. A equipa teve de se adaptar por conta própria, e muitas vezes por tentativa-erro, havendo clara dificuldade em perceber o funcionamento de certas ferramentas e potencialidades. O *site* continuou em construção desde janeiro, sofrendo ajustes por parte da empresa responsável pela sua construção e manutenção, a empresa BildCorp, em Fátima, Só foi lançado no início de março.

Muitas vezes se foram notando problemas na publicação de artigos, nas várias secções, e que foram sendo comunicados via telefone ou *e-mail*. Porém, o facto de não haver muitas vezes domínio da linguagem técnica, tornava-se difícil chegar a entendimento e encontrar soluções.

Mas, ainda assim, aponto como o mais flagrante problema da criação do novo *site*, o facto de não ter sido criado um arquivo a partir do antigo domínio, que pudesse ficar disponível aos leitores. Basicamente, após o lançamento do novo *site*, todos os conteúdos produzidos e publicados para a *web* em termos informativos (notícias, reportagens, entrevistas) perderam-se. Ora, se duas das potencialidades da Internet no âmbito do ciberjornalismo são a memória e a hiperligação (Zamith in Jerónimo, 2015), e sendo que existem assuntos que, pela sua índole, se arrastam no tempo pela sua

evolução ou por serem introduzidas atualizações ou por se relacionarem a outros acontecimentos, mantendo-se atuais na agenda política e continuarem a ser de interesse público, parece-me grave deste ponto de vista que o antigo *site* tenha sido extinto, apesar de na altura ter sido deixado em subdomínio ao qual apenas a redação tinha acesso.

Tomemos um exemplo: desde o início deste estágio, começou a estar na agenda pública e na ordem do dia o tema da poluição do rio Tejo e das várias movimentações associativas na luta pela defesa deste, algo que todos os meses tinha novas atualizações, quer da parte dos dirigentes políticos e dos organismos públicos, quer da parte do movimento ProTejo, organização local de defesa do rio Tejo. Este assunto tomou proporções maiores mantendo-se nos assuntos mais debatidos na comunidade, e merece contextualização e acesso a todo o histórico do processo acompanhado pela Antena Livre. Ao perder-se todo o trabalho efetuado até então (março de 2016) na secção *Notícias* do antigo *site*, não será um descuido e um factor de desprestígio e desvalorização do trabalho publicado nesse formato? Não deveria ter sido feito, à semelhança de outros órgãos de comunicação regionais que haviam renovado o *site* (caso d' O Mirante), um arquivo a partir deste antigo *site*, que servisse de repositório e proporcionasse pesquisa e consulta de informação sobre assuntos passados? Do ponto de vista do ciberjornalismo e da importância da Internet como novo meio difusor da informação, não terá sido esta uma falha grave e que deveria ter sido acautelada pela direção e equipa da redação? Acontece que a questão foi por mim apontada à minha orientadora e ao diretor de programação, mas não houve até à janeiro de 2017 resolução desta questão, não aparecendo sequer ligações que já haviam sido partilhadas em *sites* institucionais ou autárquicos. A única dedução feita durante este longo espaço de tempo é que esses conteúdos se tenham perdido, e pelos vistos, sem retorno possível.

Haverá melhor exemplo de que é urgente um reforço da formação académica, e se possível a promoção de ações de formação especializada no âmbito das novas ferramentas da era digital e do ciberjornalismo, para que se perspetive um futuro risonho para o jornalismo local e regional, sabendo-se aproveitar as potencialidades daquele que é, por tendência, o meio privilegiado do atual consumidor de informação? São questões que, tal como o que se verifica no enquadramento teórico do presente relatório, precisam ser discutidas e tidas em conta pelas empresas dos media, mas acima

de tudo, precisam ser assimiladas e assumidas como preocupação pelos profissionais da área, pois só assim se poderá caminhar na adaptação frutífera ao meio digital.

No caso da Antena Livre e do Jornal de Abrantes há algo que dificulta a percepção destes constrangimentos e dificuldades, que são vividos na primeira pessoa pelos profissionais da casa: a ausência da administração, cuja sede é em Leiria.

As poucas reuniões requisitadas pelos diretores de informação e programação aconteciam uma vez por mês (ainda que nem sempre fosse possível, e se realizassem dois meses após a última), umas vezes com a presença da diretora-geral da Media On, outras com a presença da administração do grupo Lena Comunicação, com Francisco Rebelo dos Santos. Notava-se fraca atenção dada à Antena Livre e ao Jornal de Abrantes, algo que os próprios funcionários da casa assumiam diversas vezes, lamentando a falta de recursos e as dificuldades pelas quais os órgãos de comunicação passavam e cujas perspectivas de futuro não se apresentavam otimistas, apesar das promessas de médio-longo prazo.

2.3. Experiência de estágio

Apontados os constrangimentos levantados a partir da experiência de seis meses de estágio curricular na rádio Antena Livre e no Jornal de Abrantes, será agora importante, do meu ponto de vista, descrever essa experiência, salientando aspetos relativos à integração na rotina da redação, bem como a participação em vários momentos de especial importância, em que me foi dada oportunidade de participar ativa e autonomamente no dia-a-dia da redação, contribuindo para a rotina de produção jornalística da casa.

Após reunião com a orientadora de estágio, a 5 de outubro de 2015, ficou definido o início do meu estágio a 12 de outubro de 2015. Nos primeiros 3 meses partilhei mesa com outra colega, Marta Rainho, que efetuou estágio curricular de licenciatura em Comunicação Social, pela Escola Superior de Tecnologia de Abrantes, até dezembro de 2015.

Nestes primeiros tempos optei por utilizar o meu computador pessoal, por ter ao meu dispor todas as ferramentas necessárias para edição de áudio e vídeo, e porque o

único computador portátil disponível na rádio tinha um problema na bateria e no carregador, que nunca fora resolvido.

Neste primeiro dia foi proposto um trabalho conjunto para ambas as estagiárias, que seria um dossier especial de produtos regionais a publicar na edição de novembro do Jornal de Abrantes; especial que viria a ser coordenado e finalizado em termos de entrevistas, tratamento e produção escrita por mim e pela colega estagiária, e cuja publicação fora adiada para dezembro por faltarem contratos de publicidade. Ficámos nós, estagiárias, encarregues de contactar as fontes/responsáveis pelas marcas dos produtos regionais que constituíram o especial, a fim de justificar o adiamento da publicação com “decisões editoriais, que fogem do nosso alcance”.

No segundo dia, dia 13 de outubro, foi-me dada a primeira oportunidade para sair em reportagem, indo até ao Centro Náutico de Constância à apresentação de projeto para hotel ecológico, tendo feito uso do veículo da casa, algo que me deixou efetivamente feliz pelo voto de confiança e pela autonomia que me fora dada em tão pouco tempo, tendo noção da responsabilidade desse ato. Nunca que me fora escondido que um dos motivos pelos quais fora selecionada para efetuar estágio na Media On se prendia com o facto de ser natural da região e ter carta de condução, algo que era considerado imprescindível para colmatar as necessidades de falta de recursos humanos que, por sua vez, limitava o número de saídas da redação.



Figura 7 – Primeira saída com o veículo da empresa. Fonte Própria

Contabilizei durante o período de estágio cerca de 40 saídas autónomas em reportagem, entre 12 de outubro de 2015 a 11 de março de 2016; participei ainda na revisão/produção de 5 edições do Jornal de Abrantes.

Na primeira quinzena de estágio ficou definido que todas as peças, excluindo breves/comunicados de imprensa, seriam assinadas com Joana Santos (aluna JCC ESE Portalegre), incluindo publicações no *site* e no jornal.

As tarefas começaram de imediato a passar por produção de notícias para o *site*, rádio e jornal, sendo que todo o trabalho em *back office* foi realizado através de acesso ao *site* com a conta de utilizador da orientadora/jornalista Joana Carvalho, tendo eu autonomia para fazer revisão e publicação de peças. A partilha na página de *Facebook* ficava a critério da orientadora, uma vez que fazia a gestão da página agregada ao seu perfil pessoal, tendo eu o cuidado de relembrar os trabalhos publicados prontos a partilhar.

Na primeira semana comecei de imediato a dar voz e a ter autonomia na edição e montagem de sons para rádio, uma vez que domino o programa *Adobe Audition* – o mesmo programa utilizado durante a licenciatura em Jornalismo e Comunicação na ESEP.

Depois de breve explicação, comecei a efetuar entrevistas com gravação de chamada telefónica, aprendendo a utilizar os devidos canais da mesa de som e o programa *Audacity*. Todos os ficheiros eram gravados na base/servidor, na pasta Informação, e na respetiva pasta criada para cada dia, dentro de cada uma das pastas mensais.

Por opção e por me sentir mais confortável com a minha câmara fotográfica, os trabalhos fotográficos por mim realizados foram com o modelo *Canon EOS 1100D*, uma vez que não considerava justo ver o meu trabalho prejudicado porque a única máquina fotográfica da redação se encontrava danificada e impedia a recolha de imagens com qualidade suficiente para edição, caso fosse necessário.

Na segunda semana de estágio, dia 20 de outubro, pelas 9h30, fui pela primeira vez acompanhar uma reunião de câmara municipal, em Abrantes, acompanhando a minha orientadora no local, Joana Carvalho.

Na altura comecei por fazer transcrição de algumas das intervenções de vereadores do executivo para posterior utilização em artigos dessa reunião provenientes.

A 23 de outubro, início da 14ª Feira Nacional de Doçaria Tradicional de Abrantes, acompanhei a minha orientadora, tendo ficado encarregue de fazer reportagem fotográfica (**fig. 8**) e o habitual inquérito – um pequeno espaço do Jornal de Abrantes, dedicado a ouvir 3 pessoas sobre determinado tema, identificando as pessoas com foto tipo passe e com os dados de identidade básicos (nome, idade, localidade) (**fig. 9**).



Figura 8 – Fotoreportagem publicada na edição de novembro de 2015 do Jornal de Abrantes. Fonte própria.



Figura 9 – Inquérito da edição de novembro de 2015 do jornal. Fonte própria.

A 26 de outubro houve proposta da orientadora, para que fosse efetuada uma reportagem radiofónica cujo tema seria à escolha, algo que foi pedido a ambas as estagiárias. Neste mesmo dia, defini o tema e iniciei o plano de reportagem pedido pela orientadora. Optei por escolher um tema que me interessava a título pessoal, mas que também gerava alguma curiosidade no que toca ao nº de maus tratos e abandonos de animais de estimação no concelho. Essa reportagem daria lugar a uma reportagem na edição do Jornal de Abrantes do mês de janeiro de 2016 (secção Região, página 18).

Na tarde de 26 de outubro tive ainda uma das oportunidades de reportagem, de forma autónoma, que mais me marcou. O exercício histórico Trident Juncture 2015, que uniu as margens de duas localidades ribeirinhas do Tejo, Tancos e Arripiado (Chamusca) através de uma ponte militar construída com forças terrestres e anfíbias. O exercício foi considerado o maior exercício da NATO desde 2002, tendo sido Portugal a nação hospedeira de mais de 3 mil militares. Fiquei responsável por fazer a cobertura deste evento, aberto à comunidade, e que me deu oportunidade de conversar e entrevistar com o responsável pelo exercício, o coronel St-Louis, da Brigada Multinacional do Canadá, que completava 28 anos ao serviço daquela brigada (**fig. 10**).



Figura 10 – Momento em que as populações de Tancos e Arripiado puderam atravessar o rio Tejo na ponte militar, também por mim atravessada. Fonte própria.

Curioso é que, na redação, nenhum dos jornalistas reconheceu a importância de ter conseguido chegar à fala com uma das principais fontes oficiais daquele evento. Eu e a minha colega estagiária levámos mesmo “reprimenda”, porque considerou o jornalista

Mário Rui Fonseca que perdemos tempo a ouvir fontes oficiais, e não tratámos de ouvir a população envolvida. Na verdade, e sendo justa, compreendi, mas fiz aquilo que me competia. Sendo um trabalho conjunto, cada uma deveria ter feito a sua parte. Eu fiz a minha.

Já na quinzena de 9 a 20 de novembro, a rotina manteve-se, mas desta vez ficaram as estagiárias encarregues de iniciar a recolha de mensagens de Natal dos autarcas e representantes de entidades da região para a rádio e edição especial do Jornal de Abrantes (mês de dezembro).

A 11 de novembro, quarta-feira, gravei pela primeira vez a crónica do dia, com cronista Armando Fernandes, tendo-me sido solicitada a sua edição e colocação da trilha. A partir deste dia já se tornou frequente serem as estagiárias a gravar as crónicas, via telefone com os respetivos cronistas, dependendo da disponibilidade dos vários elementos da redação.

A 12 de novembro fiquei responsável por entrevistar o Comissário Jorge Soares, relações públicas da PSP, da delegação de Tomar sobre caso de agente da PSP encontrado morto dentro do seu veículo em Bemposta, localidade do concelho de Abrantes. Momento que serviu ainda para abordar a temática do nº de mortes por suicídio nas forças de autoridade, tema que estaria na ordem do dia por estudo que havia sido divulgado nos órgãos de comunicação social nacionais.

Já na quinzena de 23 de novembro a 4 de dezembro, fiquei responsável por publicar artigo sobre a indigitação de António Costa enquanto primeiro-ministro, e dei voz à peça para rádio.

A 26 de novembro, posso dizer que foi um dos primeiros dias em que ultrapassei o número de horas diárias de estágio, uma vez que fui em representação da Antena Livre e Jornal de Abrantes ao jantar-conferência da Associação Comercial e Empresarial do concelho de Abrantes e restantes concelhos limítrofes. A cobertura durou desde as 19h40 até às 00h40, num estabelecimento em Abrantes.

Ainda que tenha pedido compreensão e esperando que me fosse possível entrar mais tarde ou sair mais cedo por forma a ser compensada, isso não me foi possível. Algo que na altura fiz notar à orientadora de curso, uma vez que me fiz acompanhar do jornalista em *part time* Mário Rui Fonseca, e este acabaria por não ir trabalhar no dia

seguinte ao jantar, algo que a mim não me foi permitido. Situação que serviu de exemplo para outros eventos, em que não deixei que abusassem do meu profissionalismo e boa vontade, algo que julguei estar a começar a acontecer; já para não falar no limite de horas a cumprir em termos de legais no que toca ao estágio.

Adiante, no dia 1 de dezembro, destaco a minha primeira participação na condução de uma grande entrevista em estúdio, partilhada com a minha orientadora no local, desta feita com a presença de responsáveis do CRIA – Centro de Recuperação e Integração de Abrantes e da equipa de CLDS 3G, inserida nesta instituição, Nelson de Carvalho e Paula Henriques.

A 4 de dezembro tive a minha primeira experiência num alargado informativo em direto (**fig.11**), a partir de Constância, com condução do jornalista Mário Rui Fonseca e com apoio técnico do colaborador André Rodrigues, responsável pela ligação ao estúdio da Antena Livre e montagem do equipamento necessário. Aqui foi-me dada oportunidade de participar fazendo entrevistas a alguns dos convidados, entre os quais a autarca da Câmara Municipal de Constância, no âmbito do evento anual “Gostar de Constância”, a 7 de dezembro, onde se assinalaram os 179 anos de passagem a Notável Vila de Constância por decreto da rainha D. Maria II. Foi para mim um exercício muito importante, pois até à data apenas dava voz a peças para montagem de *flashes* informativos e para inclusão nos noticiários a cargo dos jornalistas. Julgo que a prova foi superada e serviu de exemplo para experiências posteriores.



Figura 11 – Participação no alargado informativo em direto, a partir do Posto de Turismo de Constância. Fonte: CM Constância

Na quinzena de 7 a 18 de dezembro, comecei a efetuar outras tarefas, nomeadamente, num dia em substituição da minha orientadora, acompanhei o jornalista Mário Rui Fonseca na manhã de 7 de dezembro, preparando a informação que seria programada para a tarde e para o dia seguinte (feriado – 8 de dezembro) e publicando a crónica do dia, a cargo de Ana Clara, para o *site*.

A partir de 9 de dezembro é-me informado que a Antena Livre iria começar a cobrir a informação relativamente a outros municípios da região, sendo Torres Novas, Tomar e Entroncamento. Coube-me a mim estabelecer primeiro contacto com os gabinetes de apoio à presidência e gravar, à semelhança do que já havia sido feito com os outros, mensagens de Natal dos autarcas, Pedro Ferreira e Jorge Faria, da Câmara de Torres Novas e Entroncamento, respetivamente.

Na tarde de 9 de dezembro tive ainda oportunidade de poder realizar reportagem na minha área de residência, na região a sul do Tejo, que como já foi referido neste relatório, faz parte de uma zona cuja cobertura é praticamente inexistente por ser um meio rural e mais distanciado. Fiz reportagem sobre assinatura de contrato-programa no âmbito de financiamento autárquico (FinAbrantes) da Câmara Municipal de Abrantes às coletividades do concelho cujas atividades se relacionem com desporto, cultura, lazer e dinamização social, numa cerimónia que decorreu na Concavada, na sede do Clube Desportivo e Recreativo da mesma localidade.

A 16 de janeiro participei no jantar de Natal da Antena Livre e Jornal de Abrantes, a convite da minha orientadora, conhecendo assim alguns dos colaboradores de quem apenas conhecia as vozes.

A 20 de dezembro, domingo, dirigi-me ao Canil Intermunicipal de Abrantes, na Chainça, para recolher material para a reportagem radiofónica/escrita, onde acabei por participar nas tarefas do espaço, em jeito de voluntariado para conhecer melhor a dinâmica de trabalho e as necessidades sentidas.

A 22 de dezembro, outro momento de jornalismo de proximidade, desta vez na minha freguesia – Alvega – acompanhando a cerimónia de cedência de salas da antiga escola primária da localidade a duas coletividades locais, Banda Filarmónica Alveguense e Associação de Melhoramentos da Freguesia de Alvega. Aqui julgo que superei o teste da proximidade à comunidade, que como já foi referido, pode ser um

entreve ao distanciamento e imparcialidade do jornalista. Ainda assim, contactando com pessoas que vejo no meu quotidiano e que conheço informalmente, consegui criar o distanciamento necessário para realizar o meu trabalho com sucesso, e mais uma vez consegui que houvesse cobertura jornalística num território distante do centro urbano.

No dia 23, último dia de trabalho antes do Natal, passei a ser a única estagiária no local, uma vez que a minha colega Marta Rainho havia terminado o seu período de estágio, de 3 meses. Aqui reorganizei a agenda com a minha orientadora, tendo sido dito que “a partir deste momento não és estagiária, és colaboradora da casa”. Recebi este reconhecimento como um incentivo a continuar a fazer mais e melhor, e a aprender sempre mais sobre a rotina de produção da rádio e do jornal, envolvendo-me sem qualquer receio.

Nesta tarde efetuei a última entrevista no âmbito da reportagem radiofónica/escrita sobre o canil intermunicipal e os maus-tratos e abandono de animais de estimação no concelho de Abrantes. De salientar, quanto à reportagem radiofónica, que foi entregue devidamente editada, porém o áudio nunca foi passado na rádio, tendo sido apenas publicada no *site* e no jornal.

Regressei ao trabalho a 28 de dezembro e trabalhei até dia 30 do mesmo mês apenas de manhã, sendo que a minha orientadora estaria de férias até dia 4 de janeiro. Aqui cooperei com o jornalista Mário Rui Fonseca, para programação da informação publicação de informação no *site*.

Neste dia, aconteceu a minha estreia nos alargados informativos, fazendo a edição do 12h00 em direto com indicações do jornalista Mário Rui Fonseca, fazendo também a abordagem à revista de imprensa – leitura dos destaques dos principais jornais generalistas, económicos e desportivos. Comecei também a fazer programação dos *flashes* informativos e dos alargados informativos da 00h00.

Depois do regresso ao trabalho, continuaram as tarefas regulares, sendo que dia 11 acompanhei minha orientadora, na tarde de segunda-feira, na distribuição do jornal aos parceiros publicitários da cidade (a distribuição no centro urbano era feita em estilo estafeta, com os exemplares entregues em mão nesses locais que integravam a rota de distribuição pré-definida); a 15 de janeiro a minha orientadora de estágio propõe que faça o alargado informativo do 12h00 com a sua presença em estúdio, dando-me dicas

para controlar a mesa de som, lançar RMs e colocar as trilhas e separadores corretos, ajudando-me também a controlar a minha respiração. Aqui comecei a ter contacto e noções sobre os equipamentos do estúdio de emissão.

No dia 19 de janeiro, efetuei a primeira grande entrevista em estúdio aos responsáveis pelo Gabinete de Apoio Psicossocial a Pessoas com Alzheimer e outras demências e seus cuidadores, da delegação da Cruz Vermelha de Abrantes e Tomar, gravando autonomamente e conduzindo segundo guião que preparei no dia anterior.



Figura 12 – Estúdio de gravação, no dia em que conduzi a primeira grande entrevista. Fonte própria.

Neste dia efetuei o meu primeiro alargado informativo, na edição do 12h00, em direto e sozinha em estúdio.

Já a 21 de janeiro, dá-se um ponto de viragem na rádio e na sua programação e grelha informativa. O alinhamento da Informação Antena Livre 2016, com as manhãs informativas, foi distribuído por todos os jornalistas e por mim, com indicações do lançamento de sons, indicativos e trilhas, uma vez que também esses haviam sido renovados (**anexo 2**).

Neste dia a rádio comemorou 35 anos de emissões regulares a partir de Abrantes, e como tal houve uma renovação da informação – novos blocos informativos ao longo da manhã, com reforço às 9h00, 10h00 e 11h00, que incluiu atualidade internacional,

nacional e regional, selecionada pelo jornalista que efectuava os blocos. A partir deste dia o horário da redação passou a ser das 8h30 às 17h00.

Passou a ser feito noticiário ao 12h00 e às 18h00, continuando em formato de alargado informativo, até 30 minutos. Estes dois espaços informativos continham a crónica do dia bem como o comentário desportivo, a cargo do colaborador Carlos Serrano. Os *flashes* informativos passaram a ser programados para as 16h20, 16h40, 17h20 e 17h40, tendo até 5 minutos de duração, podendo ser constituídos só por voz ou incluir RMs curtos incorporados.

A edição informativa de sábado desapareceu, uma vez que achou a direcção informativa não fazer sentido, uma vez que acabava por ser desatualizada em relação ao alargado informativo da 00h00, que passou nesta renovação a ter dez minutos de duração, sem ter alocada a crónica do dia que passa apenas ao 12h00. O noticiário da 00h00 começou a repetir às 04h00, às 07h00 e às 08h00.

No final do mês, a 25 de janeiro, tive oportunidade de fazer mais uma reportagem, neste caso sobre história de vida e profissões em vias de extinção, algo que eu havia proposto para o Jornal de Abrantes. Entrevistei o último sapateiro de uma aldeia da minha freguesia, Portelas (**fig.13**).

Curiosamente, esta reportagem foi bastante acarinhada pela comunidade, e assim que fora colocada no *site* da rádio e partilhada na página de *Facebook*, começou a tornar-se viral junto dos meus conterrâneos, inclusivamente no grupo “Alvega – Tudo o que se passa na nossa Terra”, algo que veio comprovar aquilo que sempre referi ser importante: apostar na cobertura das aldeias mais rurais e longínquas, apostando em contar histórias de vida e tradições.



Figura 13 – Reportagem publicada na edição de fevereiro do Jornal de Abrantes, página 5. Fonte própria.

No início de fevereiro, mais precisamente, dia 2, o diretor de programas deu-me ainda a oportunidade de efetuar entrevistas no âmbito da agenda cultural, tendo efetuado entrevista áudio ao compositor Rodrigo Leão por concerto agendado para apresentação do novo disco e ao ator Elmano Sancho, pelo monólogo ‘Misterman’, ambos a ter lugar no Teatro Virgínia, em Torres Novas.

A 5 de fevereiro fiz a cobertura, acompanhada da minha orientadora de estágio no local, da manifestação contra encerramento da dependência da Caixa Geral de Depósitos em Rossio ao Sul do Tejo, Abrantes, tendo eu ficado encarregue de fazer reportagem fotográfica do momento, bem como escrever a peça a publicar no *site* da Antena Livre.

Já a 11 de fevereiro fui convocada para uma reunião de colaboradores do Jornal de Abrantes, uma sessão de *brainstorming* e apresentação de sugestões de melhoria.

Nesta sessão referi que o jornal precisava ser repensado em termos de grafismo, e que merecia, tal como a rádio, de uma renovação, apostando-se nas histórias de proximidade, tradições, personalidades, lugares e potencialidades da região, bem como no género de reportagem.

A 15 de fevereiro participei na apresentação do Festival da Lampreia, no concelho de Mação, que se seguiu de almoço para degustação num restaurante típico em Ortiga, um dos estabelecimentos que integravam a lista de aderentes à iniciativa. Fiz

reportagem sobre a confeção do arroz de lampreia, e publiquei no *Facebook* da rádio uma galeria de fotos a ilustrar a presença da rádio na cobertura daquela apresentação, algo que propus à jornalista Joana Carvalho, minha orientadora, e que concordou que fizesse.

A 18 de fevereiro fui à apresentação do Mês do Sável e da Lampreia e do vídeo turístico-promocional, em Vila Nova da Barquinha, evento que aconteceu no Centro Cultural. De seguida, participei na visita ao Castelo de Almourol, com os membros da autarquia, para acompanhar a evolução da musealização e melhoria dos acessos ao castelo, um ícone da região.

A 23 de fevereiro tive o privilégio de entrevistar o último mestre calafate de Ortiga, e talvez do país. Manuel Fontes, de 90 anos, construtor de barcos picaretos, os barcos de pesca tradicional da lampreia no rio Tejo. Uma reportagem que muito gozo me deu fazer, por me acrescentar maior conhecimento sobre a história local da minha região e do rio que banha também a minha freguesia.

Na edição de fevereiro do jornal, fui autora da rubrica “Foto do mês”, espaço utilizado para criticar ou usar a ironia perante situações caricatas ou erradas do ponto de vista da opinião pública, que visa levar à reflexão por parte dos leitores (**fig.14**).

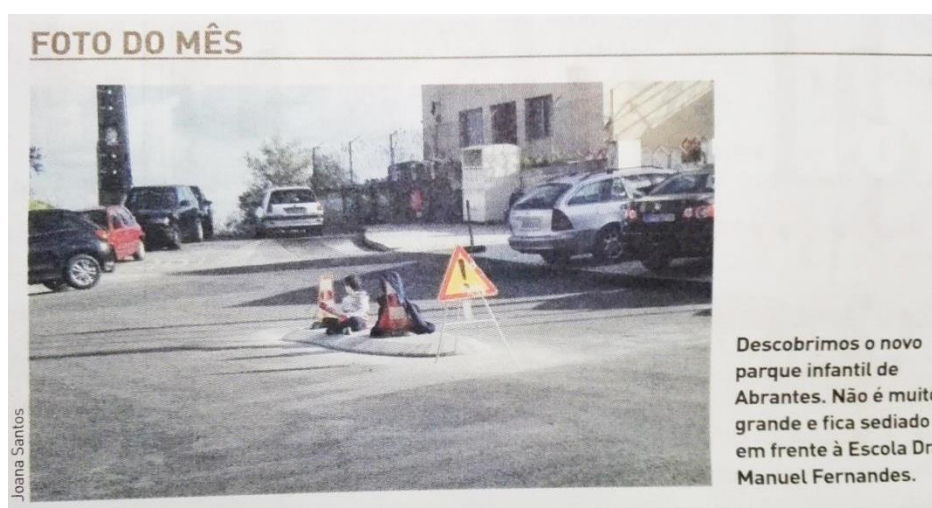


Figura 14 – Foto do mês, edição de fevereiro do Jornal de Abrantes. Fonte própria.

A 26 de fevereiro acompanhei a primeira sessão de Assembleia Municipal de Abrantes, acompanhada pela minha orientadora de estágio que já me havia alertado para o facto de serem sessões que se alongam noite dentro e com muita discussão entre oposição e executivo camarário. Na verdade, neste dia pude comprová-lo, visto que a sessão começou pelas 21h00 e terminou cerca das 2h00.

A 4 de março, foi-me pedido pela minha orientadora que fosse ao posto de correios do centro da cidade, buscar o correio da Antena Livre ao apartado; à noite, pelas 21h30, fui em representação da rádio e do Jornal de Abrantes ao concerto solidário do Projeto 5 Patinhas, no Cineteatro S. Pedro, Abrantes, decorrente do projeto de sensibilização e angariação de fundos para o canil intermunicipal de Abrantes organizado por alunos do ensino secundário da Escola Secundária Dr. Solano de Abreu, em Abrantes.

A 7 de março, depois de conversar com a minha orientadora no local, enviei e-mail (**anexo 3**) à diretora-geral da Media On, Ângela Gil, fazendo um balanço do meu estágio curricular, bem como a agradecer a oportunidade e propondo-me a estágio profissional, algo que me parecia oportuno pelo facto de estar completamente integrada na rotina da casa, por estar cada vez mais próxima das fontes oficiais e institucionais e por saber que preencheria uma lacuna em termos de recursos humanos, acabando por trazer algum benefício para a empresa caso efetuasse o estágio profissional, pelos incentivos regulamentados por lei.

Neste mesmo dia, iniciámos a exploração do novo *site* da Antena Livre, para que fosse lançado no dia seguinte, dia 8 de março.

Aqui verifiquei alguns constrangimentos que fui comunicando à minha orientadora, nomeadamente problemas no carregamento de notícias para o back office do novo *site*, que deixara de funcionar com WordPress, ferramenta com a qual a redação já estava familiarizada. Ao final da tarde, questioneei sobre o destino do antigo domínio, algo que a minha orientadora não soube responder.

Recordei que seria importante manter um arquivo/repositório, caso contrário iriam perder-se conteúdos e as pessoas iriam deixar de poder aceder à “memória” da informação Antena Livre/Jornal de Abrantes publicada na Internet. Afirmei ainda ser uma das potencialidades da Internet (recordando Fernando Zamith e as potencialidades

que reconhece na Internet, no âmbito de estudos do ciberjornalismo) que não convinha ser desaproveitada.

A minha orientadora colocou-me em contacto com um dos responsáveis pela criação do *site*, da empresa BildCorp, onde alertei para essa situação e questionei sobre a possibilidade de criação de um subdomínio que funcionasse como arquivo. O assunto não foi considerado como prioritário, pelo que nos meses seguintes ao lançamento do novo *site* continuava-se sem acesso a conteúdos publicados antes de fevereiro de 2016.



Figura 15 – Selfie tirada no último dia de estágio, para recordação da experiência. Fonte própria

Terminei o estágio, como havia programado, a 11 de março, altura em que – apesar de saber que, efetivamente, não era necessário ser preenchida nenhuma ficha de avaliação do estagiário pelo orientador no local – pedi à minha orientadora, Joana Carvalho, que me avaliasse, preenchendo o modelo de ficha de avaliação do estagiário, usado no âmbito do estágio curricular de licenciatura (**anexo 4**).

2.3.1. Soluções propostas – análise de casos práticos específicos

Diante da descrição e reflexão sobre o decorrer da minha experiência de estágio, e visto já ter salientado assuntos que mereceram a minha atenção na tentativa de colaborar

na sua solução, achei importante que se fizesse uma abordagem a casos específicos em que intervim ativamente.

Saliento o caso de uma denúncia de violação na AHBVA – Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Abrantes, feita para o e-mail da rádio Antena Livre. Em causa estaria o abuso de uma bombeira por parte de um superior, que terá feito pressão para abafar o caso.

A minha orientadora teve algum receio ao analisar o conteúdo da denúncia, mas pediu a minha opinião sobre o que fazer. Na altura referi achar da máxima importância investigar o caso, indo diretamente à fonte: contactando a responsável pelo gabinete de relações públicas da AHBVA, Gisela Oliveira.

A responsável pediu que escrevêssemos *e-mail*, a colocar questões por escrito, pelo que seria emitido comunicado oficial por parte da instituição em resposta às nossas dúvidas. Acontece que acabou por se confirmar, tendo eu ficado com o caso, e entrevistado o presidente da direção da AHBVA, João Furtado.¹⁴

Outro caso, no qual colaborei na tomada de decisão, prendeu-se com desentendimento relativo à Pousada da Juventude de Abrantes, cuja empresa gestora Movijovem esteve em guerra aberta com a Câmara Municipal de Abrantes, sendo que ambas as fontes davam versões diferentes sobre o facto de a Pousada se encontrar ou não encerrada, e sobre as condições e manutenção daquele equipamento.

A Movijovem enviou carta para a Antena Livre, pedindo direito de resposta através da publicação de desmentido no Jornal de Abrantes. Acontece que, a Câmara de Abrantes emitiu um comunicado em sua defesa, e apresentando a sua versão dos factos. A páginas tantas, a Antena Livre e o Jornal de Abrantes estavam no meio de uma guerra e a serem usados como meio difusor dessa mesma guerra.

Aconselhei a minha orientadora a publicar a retificação/desmentido da Movijovem e a colocar também o comunicado da autarquia, deixando as duas visões ao leitor, para que pudesse tirar as suas próprias conclusões, visto ser um tema de interesse público. Algo que acabou por ser feito (**fig.16**). Aqui uma vez mais se verificou a

¹⁴ BV Abrantes: Processo disciplinar sobre alegado abuso sexual entregue a advogado, disponível em <http://www.antenalivre.pt/noticias-de-abrantes/bv-abrantes-processo-disciplinar-sobre-alegado-abuso-sexual-entregue-a-advogado>

posição ingrata a que os meios locais são sujeitos, notando-se uma certa instrumentalização por parte de entidades e organismos de poder local; ainda assim, não pode ser descurada a responsabilidade do jornalismo no controlo e responsabilização do poder, na sua “dessacralização” uma vez que “São os jornalistas que sentem - ou devem sentir - como seu dever o exercício dessa fiscalização em nome do público” (Carvalho, 1996).



Figura 16 – Notícias publicadas na edição de janeiro do Jornal de Abrantes. Fonte própria

Outros aspetos práticos em que julgo ter sido uma mais-valia para aqueles dois órgãos de comunicação dizem respeito a questões técnicas/ de formação académica, e até mesmo valores que considero importantes no exercício do jornalismo.

Verificou-se clara aposta na fotografia e edição/montagem, algo que até então não era sequer tido em conta; apresentei o programa de edição online e gratuito *Pixlr Express* como ferramenta de utilização básica e rápida.

Também quanto à gestão da página de *Facebook*, começaram a notar-se menos bombardeamentos de breves sobre lançamentos e artistas musicais, depois de ter

conversado com o diretor de programas, dando a minha opinião sobre o assunto. Ainda assim, impera a utilização da página enquanto mera “plataforma de promoção dos conteúdos jornalísticos colocados nos *sites*” (Bonixe, 2012).

Quanto ao Jornal de Abrantes, tal como eu havia aspirado e aconselhado, passaram a contar-se mais histórias de vida/ir ao interior da região (caso da entrevista ao sapateiro e ao mestre calafate).

Quanto ao lançamento do novo *site*, alertei sobre a questão do arquivo/memória; lembrei importância de criação de fotogalerias e de fotografar com qualidade para criação de arquivo renovado; sugeri utilização do podcast/ *SoundCloud* para complemento no *site* – visto que só eram carregadas as rubricas de comentário ou entretenimento; a informação passou a ser carregada para o *site*, permitindo que a produção radiofónica seja ouvida a qualquer hora e em qualquer parte do país ou do mundo, uma vez que a frequência é regional e restringida ao distrito, e que o *streaming* do *site* costuma falhar.

Alertei ainda para falhas na distribuição do Jornal de Abrantes (não chega de forma avulsa à margem sul do concelho, sendo título gratuito devia constar nos estabelecimentos comerciais e instituições, pelo menos, algo que acaba por suceder no centro urbano, nomeadamente em supermercados e em papelarias, sendo que neste último caso, muitas vezes os jornais eram colocados de parte, e não eram levados pelos clientes por não estarem numa posição de destaque. Assim, seria de maior relevância distribuir para zonas do concelho que lhe fizessem uso, e cujo direito à informação também lhes assiste.

CONCLUSÃO

No presente relatório comprometemo-nos a abordar as questões teóricas que se levantam em torno do jornalismo regional, chegando à conclusão de que é um conceito comumente associado por equivalência a imprensa regional e comunicação social local e regional. Dependendo da área em que o investigador centra a sua tese, a definição de jornalismo regional – com base nos autores citados no enquadramento teórico deste relatório – incide sempre na base da proximidade, da cobertura jornalística num território delimitado, no fortalecimento da memória e identidade da comunidade que serve, enquanto difusor de informação e prestador de serviço público (datas de rastreios de saúde, comunicados, alterações de horários de instituições, obituários, contactos úteis, etc...), bem como elo de ligação à comunidade (e)migrante.

Ainda assim, nem tudo é risonho no que toca ao jornalismo regional, uma vez que este sofre com um conjunto de condicionalismos ou marcas negativas (Coelho, 2007), que impedem o sucesso e a viabilidade económica do projeto em causa. Fatores de índole económica, pela conjuntura que agravou a disponibilidade financeira dos grupos media, que por sua vez diminuem os investimentos, o que leva ao emagrecimento das empresas e principalmente das redações. Não havendo dinheiro que permita ter recursos que possibilitem a emancipação do jornalismo regional perante a evolução do jornalismo nacional e internacional, já integrados num modelo de massas, os profissionais do meio regional começam a deixar-se influenciar pelo conformismo e comodismo.

Na verdade, tudo está em debate no que toca ao jornalismo, seja ele nacional ou regional (Jerónimo, 2015). Mas será que já se chegou ao tom certo da discussão? Aquilo que parece suceder é que a era digital trouxe transformações ao exercício do jornalismo, e isso está a acontecer, um pouco mais todos os dias.

No entanto, mais que debater, é preciso encontrar soluções que se adequem ao jornalismo regional, tendo por base o conjunto de especificidades a si associadas. Há que repensar a construção da notícia, os modelos de negócio, os novos meios e as novas ferramentas disponíveis numa era que privilegia os dispositivos móveis.

O imediatismo é querido por todos os tipos de públicos, como tal, o jornalismo regional não tem como fugir à regra. A adaptação é imperativa a esta nova realidade,

pois caso não aconteça, muito dificilmente conseguirá ser sustentável e competir até com órgãos de comunicação regional concorrentes. Obviamente que não se trata de recriar modelos de sucesso de âmbito nacional no plano regional; não seria lógico, nem seria frutífero a partir do momento em que os recursos, os formatos e a própria informação, bem como os públicos definidos, são muito diferentes. Diria até que, o jornalismo regional tem um público muito mais exigente, atento a todas as atualizações, mas principalmente atento a todas as faltas do jornalista para com a comunidade que este deve servir. Nota-se uma certa instrumentalização do jornalista, algo que não deveria acontecer, sob pena de se estar a atentar contra os direitos e deveres previstos no código deontológico e no Estatuto do jornalista, bem como contra os seus princípios éticos e morais.

Deve debater-se esta problemática, estando ciente de que existem fatores que teimam em condicionar o exercício do jornalismo, com a agravante de que muitos sejam externos. Mas neste debate há que ter em conta a reconstrução (ou transformação) da identidade do jornalista local/regional e da sua rotina profissional.

Conceitos como redação integrada, convergência e jornalista multifacetado são mais flagrantes em redações reduzidas e especializadas, neste caso, no âmbito dos órgãos de comunicação locais/regionais.

Ainda assim, a evolução socioeconómica do jornalismo regional tem ditado esta tendência para a redação convergente e a polivalência dos profissionais, fazendo-nos crer que se está a criar uma nova identidade do jornalista e um novo modelo de rotina profissional/de produção na redação.

Mas será que estes novos conceitos surgem propositadamente nas redações regionais? Estarão os profissionais – os mesmos que se acomodam e que se deixam ficar sentados à secretária – cientes destes conceitos e do que significam? Não estarão a optar por novas práticas involuntariamente? Não estarão as redações a procurar somente combater obstáculos, como sempre tem sido feito a esta parte, garantindo a viabilidade económica do órgão de comunicação e, por sua vez, garantindo o seu posto de trabalho? Não estarão os profissionais a assimilar por mera modelagem/aprendizagem social as novas práticas e os usos das novas ferramentas, caso das redes sociais? No fundo, os profissionais fazem uso pessoal destas ferramentas. Então, o que os transtorna na altura de adaptar a sua cultura profissional a esse novo meio?

A incógnita deverá manter-se, pois até agora, a convergência tem sido a forma de sustentação dos meios tradicionais (saibam ou não disso), que começam a migrar, por tendência da maioria, passo-a-passo, para o meio digital, por forma a não ficarem encurralados pelos novos *media*, capazes de destronar qualquer projeto sólido através do prestígio de uma nova funcionalidade, de uma nova aposta na diversificação de conteúdos, pela inovação e pela presença assídua nas redes sociais que torna ainda mais imediata a relação com o leitor /consumidor.

Contribuindo para novas formas de reforço dos direitos fundamentais, sinalizando uma vez mais a importância do jornalismo enquanto pilar da democracia e voz do pluralismo, por via, por exemplo, da liberdade de expressão ao dar oportunidade ao público de reagir imediatamente perante determinada informação.

Posto isto, o jornalismo regional precisa participar na discussão sobre o futuro da profissão, uma vez que é o primeiro – senão o principal – lesado nestas alturas de crise identitária do jornalismo, notando-se muito mais intensamente a crise na adaptação e a urgência em ultrapassar os problemas relacionados com a condição de trabalho, o modelo de negócio, os novos formatos e os novos *media*, mais disponíveis e apelativos. Para haver futuro do jornalismo regional de qualidade, por ser o meio regional o elo mais fraco, urge a discussão sobre estes condicionalismos, pois a ética e a deontologia começam a ser postas em causa, bem como a credibilidade da profissão, dificultando o contributo do jornalismo para o espaço público, descredibilizando (de forma perigosa) o seu papel fundamental para o exercício pleno da democracia. Dúvidas houvessem, estas foram algumas das preocupações levantadas pela classe jornalística durante o quarto Congresso de Jornalistas Portugueses¹⁵, a meados de janeiro. As condições de trabalho comprometem o jornalismo, têm efeitos na qualidade do mesmo e condicionam a independência dos jornalistas; já as mudanças no setor colocam em causa a viabilidade da informação de qualidade, devendo fazer-se cumprir a legislação laboral, reforçando-se a autorregulação e regulação do setor, bem como a representatividade da classe junto das entidades reguladoras, organismos públicos e, em especial, junto da população em geral com iniciativas de promoção da literacia mediática em prol do fortalecimento do jornalismo enquanto profissão e ferramenta indispensável de construção de uma sociedade democrática.

¹⁵ Fonte: <http://www.jornalistas.congressodosjornalistas.com/resolucao-final-do-4-o-congresso-dos-jornalistas-portugueses/>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBER, Carlos Maciá, (2014). “Novos desafios para uma deontologia jornalística duradoura: o modelo de negócio dos media face às exigências éticas e à participação cidadã”, *Comunicação e Sociedade*, vol. 25, 2014, pp. 83 – 96. Disponível em: <http://revistacomsoc.pt/index.php/comsoc/article/viewFile/1861/1788>

BONIXE, Luís, (2012). “Usos e desusos da rádio informativa nas redes sociais: o caso da visita de Bento XVI”, in *Ciberjornalismo. Modelos de negócio e redes sociais*, pp. 183-197, Porto: Edições Afrontamento

CAMPONEZ, Carlos, (2012). “Jornalismo regional: proximidade e distâncias. Linhas de reflexão sobre uma ética da proximidade no jornalismo”, in *Ágora – Jornalismo de Proximidade*, pp. 35-47, Covilhã: LabCom Books

CANAVILHAS, João, (2015). “Nuevos médios, nuevo ecosistema”. *El profesional de la información*, v. 24, n.4, pp. 357-362. Disponível em: https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/4338/1/ARTIGO_Nuevos%20medios%20nuevos%20ecosistema.pdf

CARVALHEIRO, José Ricardo (1996). “Os media e os poderes locais”. Disponível em : <http://www.bocc.ubi.pt/pag/carvalheiro-ricardo-Media-poder.pdf>

COELHO, Pedro, (2007). “A função social das televisões de proximidade. Por um modelo de comunicação alternativo”. Disponível em: <http://www.ec.ubi.pt/ec/01/pdfs/coelho-pedro-funcao-social-das-televisoes.pdf>

ESTEVES, João Pissarra, (1988). “Comunicação Regional e Local em Portugal. A situação da Imprensa e os grandes desafios do Audio-Visual”, in *Revista de Comunicação e Linguagens*, nº8.

Estatuto da Imprensa Regional, Decreto-Lei nº 106/88. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/estado-portugues-estatuto-imprensa-regional.pdf>

FERNANDES, Fernanda, (2014). “Redações Integradas: rotinas de produção no jornalismo radiofónico e televisivo”, *Relatório de estágio no âmbito do Mestrado em Comunicação e Jornalismo*. Universidade de Coimbra. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/27404>

JANA, Alves, DELFINO, David, SILVA, Joaquim Candeias da, JANA, Isilda, GASPAR, José Martinho, (2016). “História Breve de Abrantes”, Abrantes: Alves Jana Unipessoal

JERÓNIMO, Pedro, (2015). “Ciberjornalismo de proximidade – Redações, jornalistas e notícias online”. Disponível em: http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/201510231222-201519_ciberjornalismo_pjeronimo.pdf

LÓPEZ GARCÍA, Xosé, (1999), “La información de proximidad en la sociedad global. Estrategias de comunicación local en la era global o como mantener la identidad en un mundo glocal”, in *Revista Latina de Comunicación Social*, nº13

NOCI, Javier Díaz (2014). “Introduction. Why to Study the Internet (and Online Journalism)”, in Shaping the news online: a comparative research on international quality media, pp. 17 – 62. Disponível em: http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20141114-201403_atous_shappingnewsonline.pdf

RODRIGUES, Catarina, “Jornalismo hiperlocal: sucessos e fracassos da informação de proximidade”, in Ágora – Jornalismo de Proximidade, pp. 189-201, Covilhã: LabCom Books

SANTOS, Sofia, (2003). “Imprensa Regional – Temas, problemas e estratégias da informação local”, Lisboa: Livros Horizonte

VIZEU, Alfredo, (2002). “O Jornalismo e as "teorias intermediárias": cultura profissional, rotinas de trabalho, constrangimentos organizacionais e as perspectivas da Análise do discurso (AD)”. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-jornalismo-teorias-intermediarias.pdf>

Sites institucionais consultados:


Antena Livre: www.antenalivre.pt

4º Congresso dos Jornalistas Portugueses, 12 a 15 de janeiro de 2017, Lisboa

<http://www.jornalistas.congressodosjornalistas.com/>

ANEXOS

Anexo 1 - Plano de Estágio






**INSTITUTO
POLITÉCNICO
de PORTALEGRE**

MESTRADO EM JORNALISMO, COMUNICAÇÃO E CULTURA
Plano de Estágio

<u>Mestrando</u>	Joana Rita Coelho dos Santos
<u>Local de estágio</u>	Rádio Antena Livre e Jornal de Abrantes
<u>Orientador</u>	Professora Sónia Lamy
<u>Orientador no local</u>	Joana Margarida Carvalho
<u>Objectivos</u> (Resumo)	<ul style="list-style-type: none"> - Colocar em prática as competências adquiridas ao longo da licenciatura e mestrado - Adquirir conhecimentos mais aprofundados sobre rádio, um meio com o qual não me sinto muito à vontade - Procurar evoluir na produção escrita nos vários géneros jornalísticos, nomeadamente aproveitar a oportunidade de poder publicar em meu nome - Ganhar outro à-vontade na abordagem de fontes e superar o desafio a nível de conhecimento local/regional, mesmo a nível de localização geográfica, pois neste OCS privilegia-se o jornalismo de proximidade com muita investigação no terreno - Tentar estabelecer uma ponte entre a prática jornalística nos OCS nacionais e locais, e ganhar noções desses dois meios. - Conseguir reunir informação pertinente e que vá ao encontro dos meus interesses, para discussão/reflexão no relatório final de estágio
<u>Cronograma</u> (Calendarização do estágio e da produção do relatório)	<p>Estimativa: Início a 12 de outubro de 2015; fim a 7 de março de 2015</p> <p>Tempo destinado à conclusão do relatório: meados de março até início de maio.</p> <p>Até à 2ª semana de maio – Conto enviar o relatório para que o professor orientador possa fazer uma revisão geral.</p>
<u>Atividades a desenvolver</u>	- Rádio (entrar gradualmente na rotina, assistir na produção

ESE.GER 5-Rev 2



Definir conjuntamente com o orientador na Escola e no local de estágio.	de programas de debate, na produção de informação, montagem de noticiários, actualização das plataformas, etc) - Jornal (maior aposta, saída em reportagem, carro à disposição) - Ter conhecimento dos assuntos administrativos (reuniões com comissão de publicidade, direção, equipa da redacção, etc) - Transmissões e edições especiais (diretos e cobertura de eventos) quer no estúdio, quer no local do evento em questão
---	---

Indicações: O presente plano deve ser entregue ao Orientador e posteriormente à Direcção do curso.
Dimensão máxima recomendada: 5 páginas. **Mais informações:** Regulamento do Mestrado em Jornalismo, Comunicação e Cultura.

Informação Antena Livre 2016

Noticiário da 00h00 – um bloco informativo até 10 min de duração, sem a crónica do dia, e com a informação já a pensar no dia seguinte, sendo que este bloco repetirá às 04h00, às 07h00 e às 08h00. Indicativos a utilizar na sua programação (INFO INICIO – INFO FINAL)

Noticiário das 09h00, 10h00 e 11h00 – um bloco informativo que terá a duração de 10 min com a atualidade internacional, nacional e regional – RM's curtos e sem crónica do dia e comentário. Indicativos a utilizar no direto ou na sua programação (INFO INICIO – INFO FINAL)

- **Após o direto destes três blocos – leitura da revista de imprensa -**
Indicativos a utilizar no direto (Imprensa IN – Imprensa OUT)

Noticiário das 12h00 e das 18h00 – alargado informativo que poderá ter até 30 min de duração com as notícias e RM's desenvolvidos. Estes dois espaços devem conter a crónica do dia e comentário; Indicativos a utilizar no direto ou na sua programação (INFO com o nome do jornalista que conduz a emissão – INFO FINAL)

- **Antes deste alargado leitura dos títulos que vão marcar a edição. Indicativo a utilizar no direto ou na sua programação (TRILHA ALARGADOS)**

Flash das 16h20, 16h40, 17h20 e 17h40 – pequenos ~~flash~~ informativos só com voz ou com RM's curtos incorporados que podem ir até 5 min de duração. Indicativos a utilizar na sua programação (INFO ~~FLASH~~ **FLASHES** – INFO FINAL)

- **Todos os indicativos novos estão na antiga pasta dos indicativos e já se encontram no programa de emissão no estúdio!**

A edição da manhã informativa de sábado desaparece!

Anexo 3 – Cópia do e-mail enviado à diretora-geral da Media On

Seg, 7 Mar 2016 (11:50:24 WET)

De: jrc.santos@sapo.pt
Para: Angela Gil <angela.s.gil@lenacomunicacao.pt>
Cc: Joana Carvalho <joana.m.carvalho@antenalivre.pt>

“Bom dia, Dra. Ângela Gil,

Antes de mais, e sem muitos rodeios, venho por este meio agradecer a oportunidade que me foi dada para realizar este que foi o meu estágio mais duradouro até agora e que, sem sombra de dúvida, serviu para contactar verdadeiramente com o mundo do jornalismo. Agradeço-lhe, e a toda a equipa que me recebeu de braços abertos e ajudou a que a minha adaptação acontecesse de forma tão natural e, ao mesmo tempo, com uma rapidez alucinante! Aqui deixo também o meu agradecimento ao incansável apoio e orientação que me foram dados tanto pela Joana Carvalho, como pelo Mário Rui e pelo Paulo Delgado.

Foi também uma honra fazer parte de um momento de mudança e renovação nesta “casa” que acabei por considerar como minha. Assumo que, apesar de ter noção dos constrangimentos que se fazem sentir numa redação, ainda para mais de órgãos de comunicação social local e regional, na prática pude verificar que, de facto, esses constrangimentos existem e fazem com que a vontade de inovar, e arriscar, se percam e se gere uma certa rotina na produção/divulgação de conteúdos. Aqui, e ao verificar que tinha capacidade para tal, fui colocando em prática por iniciativa própria todos os meus conhecimentos a nível de tecnologia, mais precisamente fotografia e html, para tentar usufruir ao máximo das potencialidades do antigo *site*, que julguei não estarem a ser usadas a 100%. Não pela dificuldade ou falta de conhecimento que acarretaria para os recursos humanos da casa, mas sim, pelo tempo que levaria a que se apercebessem dessas potencialidades e que explorassem novas formas de edição, publicação e introdução de novos formatos apelativos aos olhos do público. Tendo esse tempo para arriscar e explorar os recursos existentes, assim o fiz, e julgo que acrescentei algo diferenciador quer a nível do *website*, quer a nível da publicação mensal.

De facto, e após trocar impressões sobre essas pequenas inovações, foi fácil introduzir numa rotina já assegurada na casa, a vontade de continuar esse caminho diferenciador e de exploração desses recursos que acabam por ficar esquecidos na azáfama do dia-a-dia entre emissão, entrevistas, reportagens, telefone, *e-mails*, etc... Algo que acabou por se atenuar com a minha presença e tenho perfeita noção disso, porque sempre me disponibilizei enquanto colaboradora da casa e não mera estagiária. Apliquei todos os meus conhecimentos, dei a minha opinião e crítica sempre que solicitado ou quando achei por bem fazê-lo, respeitei os moldes em que me integrei na estrutura e organização da AL e do JA, e mostrei sempre motivação e empenho quando me foram feitas sugestões/críticas, acatando-as como elementos importantes para o meu crescimento pessoal e, acima de tudo, profissional.

Foi-me dada a oportunidade de ingressar nas emissões de rádio, e poder fazer parte da

equipa de informação, tornando possível um ajuste entre a produção de informação e a divulgação, havendo sempre coordenação para um melhor aproveitamento do tempo em redação e agindo enquanto auxílio dos jornalistas da casa, verificando-se que através da divisão de tarefas se tornaria mais fácil mantermo-nos atentos a temas de atualidade e assuntos que precisassem ser tratados em profundidade. Sinto que aprendi muito e que me envolvi bastante na dinâmica da AL e do JA, mas a vontade de aprender e inovar é, para mim, inesgotável.

Neste sentido, e sentindo-me capaz de continuar a acrescentar algo a este órgão de comunicação social, venho demonstrar o meu interesse e vontade em continuar nesta equipa. Sinto ainda mais a necessidade de continuar pelo facto de ter também eu iniciado o novo modelo de informação e de produção de conteúdos, e gostaria muito que fosse possível continuar nesta etapa de ‘modernização’, inclusivamente com o lançamento do novo *site* que trará com certeza muitas potencialidades por explorar. Teria muito gosto em continuar nesta equipa; tendo plena noção das exigências a nível financeiro e legal, sei que a possibilidade será mínima, mas ainda assim, não quis deixar de comunicar e propor esta minha vontade.

De qualquer modo, dizer ainda que o estágio curricular foi, na minha opinião, muito bem-sucedido e superou as minhas expectativas. Sinto que saio preenchida com novas competências, contactos, cultura e conhecimento a nível local/regional que me era inicialmente alheio. Foi um prazer conseguir servir a comunidade a que pertença e a minha cidade natal, e acima de tudo, foi muito positivo conhecer melhor a minha região e cada uma das suas características inerentes.

Uma vez mais, agradeço imenso a oportunidade que me foi dada e todo o apoio e confiança que me foi depositado enquanto estagiária nesta casa.


Agradeço a atenção dispensada,

Sem outro assunto,

Com os melhores cumprimentos,

Joana Rita Coelho dos Santos

Anexo 4 – Ficha de avaliação de estagiário pela orientadora no local



Instituto Politécnico de Portalegre
Escola Superior de Educação

FICHA DE AVALIAÇÃO DE ESTÁGIO

CURSO: Formação em Comunicação e Cultura 2015/2016

ESTAGIÁRIA (O) Joana Rita Coelho dos Santos

LOCAL DE ESTÁGIO Artémio de Almeida e João de Almeida

ORIENTADOR (A) Joana Doreia Carvalho

AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO

Parâmetro	Descritivo*	Avaliação**				
		S	C/F	P/V	MR	N
1. Foi assídua(o)		α				
2. Cumpriu tarefas atribuídas		α				
3. Mostrou espírito de iniciativa		α				
4. Integrou-se bem e demonstrou espírito de equipa		α				
5. Demonstrou conhecimentos técnicos (utilização de equipamentos) adequados		α				
6. Demonstrou conhecimentos teórico-práticos adequados		α				
Desempenho e comportamento global ***	A Joana Santos Arsenius durante o estágio uma dedicação constante, foi sempre muito disponível e profissional em todos os tempos. Foi uma mais-valia para a equipa.					

Data 25/03/2016 O orientador Joana Doreia Carvalho

* Por favor, descreva resumidamente o desempenho da(o) estagiária(o) em cada um dos parâmetros
 ** Por favor, assinale uma das opções: S (Sempre), C/F (Com Frequência), P/V (Por Vezes), MR (Muito Raramente) N (Nunca)
 *** Por favor, avalie globalmente o desempenho e comportamento da(o) estagiária(o)

